

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

A Importância do Brincar na Relação Inter-Pares

Elsa do Carmo Ferreira Duarte Dias

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada apresentado à Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientador: Mestre Manuela Fonseca

*“when you see me sitting in a chair ”reading” to an imaginary audience,
Please don` t laugh and think I` m “Just Playing.”
For, you see, I` m learning as I play.
I may be a teacher someday.”*

Anita Wadley

Dedicatória

*Dedico este trabalho aos dois Amores da minha vida, ao meu marido e à
minha filha, sem eles não teria conseguido chegar até aqui!..*

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Agradecimentos

Começo por agradecer, por todo o apoio, incentivo, sabedoria, disponibilidade e paciência à professora Manuela Fonseca, que durante todo o percurso académico foi sempre um exemplo para todos os alunos, em especial para mim, pela sua simplicidade, disponibilidade e relação, que estabelecia com todos os alunos. Foi um privilégio ser sua aluna e ser sua orientando.

Agradeço a todos os professores da ESEI, que me acompanharam ao longo destes anos e contribuíram para a minha formação, em especial à professora Lurdes Tojal, que recordo com muito carinho, à professora Celeste Ribeiro por ser tão especial, ao professor Barone pela sua sabedoria, ao professor Montiel, pela forma como dava as suas aulas e nos transmitia valores, à professora Ana Teresa Brito pela sua simpatia e generosidade e por último à professora Isabel Gerardo, por todos os momentos vividos, foi um privilégio ter sido sua orientando de estágio.

A toda a comunidade educativa da Instituição por todo o carinho e momentos vividos, em especial à educadora Fátima Braga e às auxiliares Anabela e Susana.

A todas as crianças que tive o privilégio de conviver e tornaram possível a minha formação.

Quero agradecer à minha família em especial ao meu marido e à minha filha, por todo o amor, carinho e paciência que tiveram comigo, por fazerem os meus dias felizes, sem eles não teria conseguido.

À minha madrinha e ao meu irmão pelas palavras amigas e de coragem.

À Cláudia Garcia por todo o carinho e disponibilidade, por todas as suas palavras de coragem, por ser tão amiga.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Às minhas amigas de curso, Mariana e Ana Fernandes pelo apoio, força e pelos bons momentos.

A todos vós, o meu eterno OBRIGADO!

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Resumo

O presente Relatório Final surge da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada. O estágio foi realizado em contexto de Creche, numa fundação do Instituto Secular das Cooperadoras da Família, em sala de creche, com crianças dos dois aos três anos.

O seguinte estudo centra-se em perceber “Qual a importância do brincar na relação inter-pares”.

O principal objetivo deste estudo foi perceber até que ponto a brincadeira e a relação entre os seus pares, contribui para o desenvolvimento da criança.

A metodologia utilizada foi de carácter Qualitativo, sendo que as notas de campo foram o instrumento utilizado na recolha de dados, sendo uma observação direta e participante.

Conclui que só poderá existir desenvolvimento, se for proporcionado à criança através de uma relação de afetos, respeito e confiança, experiências significativas e vivências felizes.

E para que essas vivências sejam felizes e significativas, nada mais importante que estimular na criança, a brincadeira e a relação inter-pares, contribuindo assim para a construção da sua personalidade e identidade

Palavra-chave: *Brincar - Criança - Relação Inter-Pares - Conflito -Desenvolvimento*

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Abstract

This Final Report arises from the course of Supervised Teaching Practice. The stage was conducted in the context of Childcare, a foundation of the Secular Institute of the Family Cooperating in childcare room, with children from two to three years.

The following study focuses on realizing "What is the importance of play in the peer relationship."

The aim of this study was to see how far the game and the relationship among their peers, contributing to the development of the child.

The methodology was qualitative, and field notes were the instrument used in the collection of data, direct observation and participant.

I conclude that there can only be development if it is provided to the child through a relationship of affection, respect and trust, meaningful experiences and happy experiences.

And for these experiences to be happy and meaningful, nothing more important than stimulating the child, play and peer relationship, thereby contributing to the construction of their personality and identity.

Keyword: Playing - Child - Inter-couple relationship - Conflict - Development

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

ÍNDICE

Introdução	9
1. Capítulo I – Enquadramento teórico metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)	13
1.1 - Desenvolvimento Sócio Emocional e Cognitivo da Criança dos 0 aos 3 anos.....	13
1.2 - O Brincar.....	19
1.3 – Relações Inter-Pares.....	22
1.4 – Conflito.....	24
1.5 – O papel do Educador.....	26
1.6 – Opções metodológicas.....	29
1.6.1 – Investigação e metodologia qualitativa.....	29
2. Capítulo II - Caracterização do contexto Institucional e comunidade envolvente	34
2.1 – Localização da Instituição, e meio envolvente.....	34
2.2 – Caracterização do espaço.....	36
2.3 – Caracterização das crianças e do ambiente educativo.....	38
2.4 – Práticas correntes observadas na Instituição.....	40
3. Capítulo III- A Prática de ensino Supervisionada (PES) na Instituição	44

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

4. Capítulo IV – Considerações Finais	46
--	-----------

Referência Bibliográficas.....	62
---------------------------------------	-----------

Anexos

Anexo 1 – Notas de Campo que Ilustram os Conflitos

Nota de Campo 1.....	67
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 2.....	69
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 3.....	72
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 4.....	74
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 5	77
------------------------------	-----------

Nota de Campo 6.....	79
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 7.....	82
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 8.....	84
-----------------------------	-----------

Nota de Campo 9.....	87
-----------------------------	-----------

Anexo 2 – Notas de Campo que Ilustram O Brincar

Nota de Campo 10.....	89
------------------------------	-----------

Nota de Campo 11.....	91
------------------------------	-----------

Nota de Campo 12.....	92
------------------------------	-----------

Nota de Campo 13.....	93
------------------------------	-----------

Nota de Campo 14.....	94
------------------------------	-----------

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

...“Através dos outros, nos tornamos nós mesmos”...

Vygotsky

Introdução

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós...

Anthoine De Saint-Exupéry

O trabalho final que a seguir apresento refere-se à área de Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré – Escolar da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Este trabalho de investigação consistiu na observação de um grupo de vinte e quatro crianças com idades compreendidas entre os dois e os três anos, numa Fundação do Instituto Secular das Cooperadoras da Família, na zona de Cascais, no período compreendido entre 24 de Fevereiro e 11 de Abril de 2014.

A atitude de um educador investigador deve ser de uma constante interrogação, pois este trabalho de investigação surge de questões que vão surgindo durante a prática supervisionada, através da observação do grupo onde se tenta dar respostas adequadas às necessidades do grupo, no sentido de melhorar a sua ação educativa e contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Este meu interesse em realizar o estudo sobre a temática de *“Qual a Importância do Brincar na Relação Inter-Pares?”* foi surgindo, na medida que ia estabelecendo uma relação de confiança com o grupo e com cada um em particular,

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

observando e envolvendo-me, direta e indiretamente nas suas vivências e brincadeiras inter-pares. A cada dia na minha observação, fui verificando que existia um encantamento e um interesse enorme das crianças pelas atividades lúdicas, música, dança e principalmente brincadeiras.

À medida que ia registando todas estas vivências e relendo as minhas notas de campo, fui-me interrogando e sentindo curiosidade em compreender, sobre o que ia acontecendo nas relações que as crianças estabeleciam entre si, num ambiente de socialização. Foi então que várias questões foram surgindo, levando-me a uma reflexão mais detalhada sobre as minhas notas de campo e em conjunto com a minha orientadora de estágio surgiu o problema: *Qual a Importância do Brincar na Relação Inter-Pares? Citando Vigotsky (1987,p35), “O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos crianças e adultos.”*

A brincadeira é crucial no desenvolvimento da criança, através da brincadeira a criança representa, cria, usa o faz de conta para entender a realidade que a rodeia, ao mesmo tempo, esta, vai contribuir para que a criança estabeleça uma relação com os seus pares, apreenda normas sociais de convivência e vá tomando consciência e respeito pelo outro, tornando-se essencial na formação da sua personalidade e identidade.

Através do brincar a criança aprende a conhecer, a fazer, a conviver e a SER.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Organização do Relatório

O presente relatório encontra-se estruturado da seguinte forma: Introdução, três grandes capítulos, as considerações finais, as referências bibliográficas e por fim os anexos.

A introdução serve para esclarecer o tipo de estágio realizado, os seus objetivos, o tema estudado com maior detalhe, a razão da sua escolha e apresenta a estrutura a que o trabalho obedece.

No Capítulo I – representa o “Enquadramento teórico - metodológico da Prática de Ensino Supervisionada” que sustenta o presente estudo, dando ênfase ao desenvolvimento Sócio emocional e cognitivo da criança dos 2 aos 3 anos, ao brincar, às relações inter-pares, ao conflito e ao papel do educador, tudo isto, num ambiente de socialização.

Neste capítulo também estão enquadradas as opções metodológicas bem como os procedimentos utilizados na observação empírica e na análise do problema.

No Capítulo II – refere-se à “ Caracterização do contexto Institucional e Comunidade envolvente”, aqui é apresentado o local de estágio, a estrutura organizacional da instituição, as práticas correntes observadas na instituição, com ênfase do problema tratado no presente relatório sendo suportado por referências teórico - empíricas apresentadas no capítulo I.

Seguidamente, no Capítulo III- designado por “A prática de Ensino Supervisionada na Instituição” apresenta e explica as atividades que foram realizadas com os alunos, assim como os objetivos e os procedimentos, tendo em conta o tema tratado neste relatório, como também o suporte utilizado, que foram as notas de campo.

Finalizando, no Capítulo IV- estão apresentadas as “Considerações Finais” que englobam a análise crítica vivida durante a Prática de Ensino Supervisionada, tendo em

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

conta os aspetos referidos nos outros capítulos anteriores, e deixando em aberto a possibilidade para novas investigações.

O relatório termina com as referências bibliográficas que suportam todo o relatório e em anexo irei colocar as notas de campo recolhidas.

1.Capitulo I

Enquadramento teórico - metodológico da Prática de Ensino

Supervisionado (PES)

“ É do senso comum a ideia de que o desenvolvimento social e afetivo da criança emerge nas relações com as outras pessoas, particularmente com os pais, irmãos e educadores, professores e amigos.”

(Gabriela Portugal,1998)

1.1- Desenvolvimento Sócio emocional e cognitivo da criança, dos 0 aos

3 anos:

Desde que a criança nasce, ela começa a ter consciência que existe um mundo externo a si. É nesse mundo que aprende sobre si, aprende a estar e a comunicar com os outros.

Sendo a 1ª infância um período de mudanças significativas, no que se refere ao desenvolvimento Cognitivo e Social, recorri a alguns autores para explicar o desenvolvimento da criança dos 0 aos 3 anos:

Segundo Henri Wallon (1934), o desenvolvimento da criança passa por várias etapas, caracterizadas pelos domínios funcionais da afetividade, do ato motor e do conhecimento, desenvolvidos no meio social, sendo para isso crucial que a criança se sinta amada desde a sua existência.

De acordo com este autor, a criança inicia o seu desenvolvimento ainda na vida intrauterina, caracterizada por uma simbiose orgânica

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Após o nascimento passa para uma simbiose afetiva, entrando no estágio “impulsivo - emocional”, onde a aprendizagem é feita através dos sentidos.

A partir dos 4 meses, começa a imitar alguns sons que ouve à sua volta, vocalizando espontaneamente, aos 6 meses compreende algumas palavras familiares (o nome dela, “mamã, “papá”), virando a cabeça quando o chamam.

Segundo o autor este estágio decorre durante o primeiro ano de vida.

Tal com wallon, Piaget também afirma que a criança se desenvolve através de etapas, em que cada estágio é constituído sobre a estrutura do anterior, o que quer dizer que cada etapa superada é a preparação para o estágio seguinte.

Piaget identifica o primeiro estágio que vai dos 0 aos 2 anos, como período Sensório-motor, nesta fase a criança conquista o mundo por meio da percepção e do movimento necessitando de estimulação visual, auditiva e táctil, para que a sua inteligência se desenvolva.

Segundo Vygotsky (1996) o ser humano nasce e desenvolve-se primeiramente pelo auxílio das suas respostas inatas, como por exemplo o ato de mamar para saciar a fome.

Como refere Dantas (1996) a criança desde que nasce está em profunda transformação, explicando que as respostas iniciais da criança são processos naturais e é através dos adultos que os processos psicológicos mais complexos se formam, iniciando assim, a sua aprendizagem desde o primeiro dia, no ambiente familiar e na cultura que esta está inserida.

Segundo Brazelton (2006) a criança entre os 6 e 8 semanas, utiliza o sorriso como um meio de captar a atenção dos pais (linguagem não verbal).

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

(Matta 2001) refere também que para além do sorriso, o choro é uma das principais formas da criança contactar com o que a rodeia, de chamar atenção para as suas necessidades.

De acordo com Brazelton a criança nos primeiros meses tem grandes oscilações de humor, tornando-se mais terna, confiante e estabelecendo intimidade entre os 4 e os 6 meses.

Segundo G.Portugal (1998) entre os 7 e 9 meses dá-se outro marco importante na vida da criança, a sua autonomia é cada vez mais desenvolvida. A nível cognitivo a criança começa a compreender as relações meios a fins. Citando palavras da autora: ***“As suas expressões emocionais são cada vez mais finas” e “o jogo reveste-se de dimensões cada vez mais inter-relacionais.”***

Gabriela Portugal menciona ainda que, durante o primeiro ano de vida, aos 2 meses, dá-se na criança o despertar da Sociabilidade e entre os 7 e os 9 meses a focalização dessa sociabilidade.

Citando (bebe, 1981 PAPALIA et al.,2001) ***“ com um ano de idade, a criança ainda fica perturbada com a separação ou ausência materna, contudo começa a ter consciência que é alguém distinto da mãe e com vontade própria”.***

De acordo H. Wallon, depois do ano a criança entra no estágio ***“sensório-motor e projetivo”*** que vai até aos três anos, interessando-se pela exploração sensoriomotora do mundo físico (predomínio cognitivo), Onde a criança aprende a falar, andar, a manipular objetos, voltando-se para o exterior, seguindo para um pensamento pré-lógico. A criança desenvolve neste estágio a inteligência prática e a sua capacidade de simbolizar, isto é quando falamos de um objeto ela já é capaz de associa-lo mentalmente ao objeto em si.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Segundo Piaget, o desenvolvimento da criança, nesta fase é muito rápido, dando suporte a novas habilidades motoras, tais como andar, apanhar objetos, apontar entre outras.

O autor também refere que a criança assim que aprende a andar, movendo-se de um lado para o outro, ela começa a amadurecer o sistema nervoso e vai aperfeiçoando o seu andar, tornando-se mais segura e confiante.

Segundo G.Portugal (1998), dos 18-21 meses a criança é cada vez mais autónoma, a sua relação com a mãe, é feita de uma forma quase adesiva afasta-a e requer a ao mesmo tempo, vivendo uma situação de conflito.

Aos dois anos de acordo com PAPALIA e al., (2001) a criança entra numa idade de conflito pois vive entre a necessidade de afeto e a necessidade de independência. Citando a autora *“os terríveis dois anos são uma manifestação normal da necessidade de autonomia”*, em que através da brincadeira a criança vive um período de oposição (constrói e desconstrói).

Piaget refere também que através das interações sociais e das brincadeiras, junto ao espelho, começa a ter noção o seu corpo, apreendendo a reconhecer as suas características físicas, tornando-se fundamental para a construção da sua identidade.

De acordo com Piaget, a criança está apta a entrar no segundo estágio do desenvolvimento cognitivo, (o pré operatório), que vai dos 2 aos 7 anos, as crianças tornam-se mais sofisticadas no uso do pensamento simbólico. Neste estágio, o autor identifica vários processos cognitivos, nomeadamente a função simbólica, a compreensão das identidades, a compreensão de causa e efeito.

Wallon refere também que para além de desenvolver a fala, neste estágio a criança também desenvolve a inteligência prática e a sua capacidade de simbolizar, conseguindo associar o objeto mentalmente ao objeto em si.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

De acordo com Brazelton (1998), em relação á fala, a criança de dois anos já constrói frases com verbos e começa a usar adjetivos e advérbios **“roupa bonita, quero aquilo, vamos às compras”** demonstrando uma clara compreensão de três sequências de discurso recetivo, por exemplo **“vai buscar um brinquedo á outra sala, trá-lo aqui e põe-no em cima da mesa”**. A capacidade que tem de se alhear a todos os brinquedos, de escolher aqueles que lhe interessam para o seu jogo simbólico, demonstram um bom controlo dos estímulos que lhes chegam.

Citando o autor, **“aos dois anos a criança ao brincar demonstra capacidade para usar o jogo simbólico, utiliza bonecos para imitar as pessoas que fazem parte da sua vida. O jogo simbólico traz consigo a imitação, tornando possível a linguagem e as estruturas mentais e imaginativas. No processo cognitivo, causa e efeito as crianças já são capazes de compreender não apenas em relação a ocorrências específicas no ambiente físico, mas também, em relação a contextos sociais mais complexos.”**

De acordo com Piaget, a imagem mental, o jogo simbólico e a linguagem, são revelações da função simbólica

Brazelton (1998) refere que aos 3 anos, a criança começa a dar largas á imaginação e fantasia. O jogo simbólico adquirido nos dois anos de idade manifesta-se agora de outra maneira, a criança usa as pessoas que a cercam como símbolos, e constrói as suas próprias personagens imaginárias. Nesta fase a criança começa a criar amigos imaginários, conversando com eles como se fossem reais, devendo o adulto respeitar a natureza dessa fantasia. A melhor fonte de humor de empatia e de compaixão é a imaginação da criança assim, como todas as experiencias ricas que a sua fantasia lhe proporciona.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Para Wallon, a criança entra assim num novo estágio, o estágio do “*Personalismo*”, que segundo eu, vai dos 3 aos 7 anos, onde ocorre a formação da personalidade, que é feita através do contacto social que tem com as pessoas que a rodeiam e onde predominam as relações afetivas.

O jogo é a sua maneira de aprender. Quando aprende a brincar, experimenta técnicas diferentes, para descobrir o que é que resulta para si própria. Quando não consegue realizar algo que está a fazer sente-se frustrada, e essa frustração leva-a a descobrir como fazê-lo. Quando consegue fazê-lo tem uma sensação maravilhosa, este é o estímulo mais compensador para a aprendizagem futura, (Brazelton 1998).

Mencionando e citando ainda o autor, para Brazelton, *” a relação que a criança estabelece com os companheiros, torna-se cada vez mais significativa, na vida desta. Com o passar do tempo torna-se cada vez mais importantes as experiências com outras crianças da mesma idade. A criança não só aprende padrões de comportamento com as outras, como pode experimentar com segurança os seus próprios padrões. Nesta fase as crianças zangam-se umas com as outras, fazem os outros chorar mas estão sempre ansiosas para ir para junto deles”*. Uma criança de três anos trata o seu amigo de confiança como se ele fosse um rival, como se fosse um bebé que precisasse de ser protegido. Brincam muito aos pais e as mães e aos médicos, pois este jogo exploratório leva a um sentido mais seguro de si próprios. Nesta fase a criança tem uma grande dificuldade em partilhar, dando origem a muitos conflitos, aprender a partilhar faz parte de um processo cognitivo muito importante chamado altruísmo.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Segundo Piaget nesta fase a criança é egocêntrica, não tendo ainda a capacidade de se colocar no lugar do outro, abstratamente. Sendo o egocentrismo responsável por um pensamento pré-lógico, pré-causal, mágico e artificial.

1.2- O Brincar

Brincar: *“É uma atividade espontânea e voluntária. Não obrigatória e escolhida livremente por quem brinca.”*

Catherine Garvey

A criança desde que nasce sente necessidade de brincar.

Citando Almeida (2005) *“o brincar é uma necessidade básica, uma experiência rica e complexa, um direito de todo o ser humano*. Segundo o autor, é a brincar que a criança satisfaz os seus interesses, necessidades e anseios.

Segundo Ferland (2006), o brincar influencia diferentes esferas no desenvolvimento da criança, comparando o brincar a uma vitamina poderosa, pois quanto mais ela brinca mais hábil se torna e quanto mais hábil, maior é a sua vontade de brincar. Ao brincar a criança representa, cria, usa o faz de conta para entender a realidade que a rodeia, vivendo o momento, ao mesmo tempo que descobre a sua própria identidade.

Já Garvey (1992) refere que a catividade lúdica é fundamental para que a criança aprenda a conhecer-se a si própria, a conhecer os outros e o mundo em que vive. Segundo Silva (2010), estas aprendizagens só serão significativas se for dada a

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

oportunidade à criança de tomar a iniciativa e de gerir o seu tempo escolhendo livremente.

Na mesma linha de pensamento encontramos Vasconcelos (2012), que afirma “***o brincar é fundamental para a criança, pois é indispensável para o seu desenvolvimento afetivo, criativo, cultural e intelectual***”. Dando a oportunidade à criança, através da brincadeira, de desenvolver as suas potencialidades, trabalhar as suas limitações e as suas habilidades sociais, afetivas, cognitivas e físicas.

Citando Vigotsky (1987,p35) “O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos crianças e adultos.”

O brincar é uma forma de expressão e comunicação que a criança estabelece consigo, com o outro e com o meio.

Vygotsky defende, que o contexto sociocultural, em que cada um se integra, tem influência no modo de pensar e de agir do indivíduo, sendo esta interação que vai contribuir para promover o desenvolvimento humano.

Vygotsky, citado por (Pimentel, 2007) “***Quando a criança brinca, esta atividade estabelece-se e é promotora de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que permite à criança desenvolvimento psicológico, dando a possibilidade à criança de ser capaz de aceder, interpretar, dar significado e modificar a realidade e de modificar-se a si própria.***”

Para Vygotsky, (1991), a brincadeira é muito importante no desenvolvimento infantil, não podendo ser definido apenas como sendo uma atividade que dá prazer à criança, uma vez que ela ao brincar é transportada para um mundo imaginário, de fantasia onde vão sendo capazes de transformar anseios impossíveis em desejos realizáveis, complementando as suas necessidades. Então citando o autor “***se a criança não pode agir***

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

como um adulto, pode fazer de conta que o faz, criando situações imaginárias (...) à semelhança do comportamento do adulto”

Vygotsky afirma ainda, *” que o jogo/brincar permite à criança a criação de uma zona de desenvolvimento proximal, porque vai levar a criança a adquirir um comportamento que vai além do seu comportamento real.”*

Segundo Yudina (2009), Vygotsky aponta algumas catividades como fundamentais para desencadear o desenvolvimento da criança, dando grande importância ao jogo. Defende, assim, que o jogo /brincar é imprescindível na educação pré-escolar, dado que desenvolve a imaginação, as competências sociais e comunicativas e ajuda na autorregulação, favorecendo a criação de ZDP.

A criação da Zona de Desenvolvimento Proximal são os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, (ZDP) apresentados por Vygotsky.

Segundo Vygotsky, (citado por Salvador et. al. 1999, p.108), *” podemos definir a Z.D.P. como a distância entre o nível real de desenvolvimento, determinada pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado mediante a resolução de um problema com a orientação de um adulto ou em colaboração com um outro companheiro mais capaz.”*

Significando assim, que a ZDP, corresponde à diferença entre o que uma criança consegue fazer sozinha e o que é capaz de fazer com a ajuda de outras pessoas com um nível mais elevado de desenvolvimento, existindo dois níveis de desenvolvimento, o real e o potencial.

Segundo (Bertrand, 2001) é importante referir cada criança aprende determinados comportamentos muito específicos que são determinados e influenciados pelo contexto social e cultural em que se insere, sendo assim a ZDP, caracterizada como sendo social e cultural. Como também o desenvolvimento depende quer dos conhecimentos e competências que cada criança possui, quer das interações que estabelece com o meio social e do nível de complexidade das experiências de aprendizagem.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Vygotsky, 1967, citado por Broock et al 2011, p65).” *Refere ainda que na brincadeira uma criança está sempre acima da sua média de idade, acima do seu comportamento diário; na brincadeira é como se ela fosse maior do que realmente é.”*

Concluindo, a brincadeira é por isso, vista como uma atividade essencial no desenvolvimento e aprendizagem da criança, pois, no faz de conta a criança imita o adulto, nas suas vivências e atitudes, o que vai leva-la ao desenvolvimento de competências, à percepção do mundo real e à construção da sua personalidade.

“ É através da relação entre pares, que a criança vai percebendo e estabelecendo limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida.” (Brazelton, 2008, p.58).

1.3 - Relações Inter-pares

A medida que a criança se desenvolve, a criança vai entrando num mundo mais alargado, deixando de existir só a família para também incluir os amigos, dando assim continuação ao seu processo de socialização.

Referindo Borsa (2007) *“a socialização é um processo em transformação que se inicia na altura do nascimento e permanece ao longo da vida. Sendo fundamental ao desenvolvimento do ser humano, uma vez que é a partir das relações sociais que a criança satisfaz as suas necessidades e assimila normas, regra e valores”.*

De acordo com Navarro (1997) o conceito de interação social prende-se com o facto de a criança ser capaz de comunicar, de brincar, de tocar, de sorrir para os outros. Resume-se à capacidade de se relacionar com os sujeitos que a rodeiam.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Para o autor o primeiro processo de socialização da criança dá-se no contexto familiar, a interação social é desenvolvida desde que a criança nasce, criando um clima de interação e relacionamento com os seus progenitores, num meio mais restrito. Segundo Corpas, Surís, Limona & Aguirre, (1996, p. 93), é importante lembrar que no processo de socialização da criança, sendo a família o primeiro contexto de socialização da criança **“é função da família inculcar o tipo de hábitos e costumes que a sociedade aprova, quer seja por processos de aprendizagem quer de carácter mais afetivo e inconsciente.”**

Ao ingressar no jardim-de-infância, um meio mais alargado, a criança encontra-se apta ao desenvolvimento das mais variadas relações interpessoais, uma vez que irá interagir com crianças em que os conhecimentos e opiniões divergem.

Para Rubin, et al., (1998) a criança entre os dois e três anos e meio de idade já é capaz de estabelecer relações recíprocas com os seus pares. Afirma ainda, **“que no seio destas relações as crianças ensaiam trocas mútuas de afetos e de comportamentos positivos, mas também negativos”**.

De acordo com Durkin, (1995) é neste período que surgem as zangas e os conflitos, desencadeados sobretudo pela disputa na posse do objeto. Nestas idades as crianças ainda são muito egocêntricas, a partilha gera muitos conflitos.

Através dos amigos a criança desenvolve aptidões que não é capaz de desenvolver no seio dos adultos, pois as idades não muito diferentes (Corpas et al., 1996).

Para o autor os amigos estimulam a criança a expressar-se e a desenvolver a linguagem, as crianças compara-se ao outros e autoavaliam-se, sentindo-se muito mais seguras ao saberem que pertencem a um grupo. O autor refere ainda que os amigos são um apoio em situações problemáticas.

“Nesta fase as crianças brincam muito aos pais, às mães e aos médicos, pois este jogo exploratório leva a um sentido mais seguro de si próprios, começam a aprender a partilhar mas por vezes zangam-se umas com as outras, fazem os outros chorar e ao mesmo tempo ficam ansiosas para ir junto delas”. Brazelton (1995)

1.4 – Conflito

Com a entrada da criança no jardim-de-infância inicia-se um processo de socialização e interação com o outro, num meio mais alargado.

Segundo Silva, Veríssimo & Santos (2004, p.109), é no jardim-de-infância que as crianças começam a moldar competências e habilidades sociais, tanto em grupo como individualmente. É no jardim-de-infância, num ambiente de socialização, interação e comunicação interpessoal que a criança começa a vivenciar as primeiras transições, **os primeiros conflitos.**

Segundo Wallon (1980,1995,1998) o conflito é um fator propulsor ao desenvolvimento da criança, contribuindo para a construção do sujeito e da sua identidade, através da afirmação do Eu. O autor explica que o processo de constituição do “Eu” inicia-se por volta dos três anos de idade, altura em que as crianças começam a construir a ideia do *outro*, que por sua vez, vai ajudar na construção da sua própria identidade. Assim sendo os conflitos interpessoais têm um papel crucial no desenvolvimento da criança, pois é na relação que a criança estabelece com os seus pares

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

que irão surgir os conflitos interpessoais. Estes conflitos vão contribuir para que a criança apreenda normas sociais de convivência e tome consciência da perspectiva do outro.

DeVries (1995) defende que a criança vai-se afastando do egocentrismo, á medida que a sua capacidade de se colocar na posição do outro se vai aprimorando.

Wallon (1980,p.57) refere ainda que o desenvolvimento da criança não ocorre por “*autocriação*”, mas sim através do pensamento coletivo que é fundamental para influenciar o desenvolvimento individual. Explica ainda que a evolução cognitiva, afetiva e motora do indivíduo é influenciada pela “*civilização que regula a sua existência e se impõe à sua atividade.*”

Na perspectiva de Vygotsky (1981,p.106), “*o desenvolvimento emerge primeiro a nível social (externo) e posteriormente a nível individual (interno) ou seja, entende que “qualquer função presente no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes e em dois planos diferentes. Em primeiro lugar, aparece no plano social e depois no plano psicológico.*”

Assim retomando a perspectiva de Wallon “*a aceitação do conflito como constitutivo é fundamental para a compreensão de um fenómeno como as emoções*” (Galvão, 2001,p.124).

Como nestas idades do pré-escolar, o domínio sobre o controle emocional ainda se encontra em desenvolvimento, a criança facilmente sofre crises emocionais, que podem levar a situações de conflito interpessoal.

Assim a capacidade de regular, controlar e redirecionar as emoções é fundamental para que haja um relacionamento interpessoal, contribuindo para a resolução de conflitos.

É importante referir que nas emoções no contexto com os pares, a discussão e a comunicação acerca destas, contribuem significativamente para o desenvolvimento do conhecimento emocional.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Assim perante a resolução de conflitos a criança vai compreendendo as emoções que está a sentir, questionando-se posteriormente acerca das formas mais eficazes de controlar as mesmas.

O papel do Educador, aqui é fundamental na medida em que deve auxiliar a criança na compreensão e controle das suas emoções.

Assim com o apoio do educador, atuando como modelo para a criança, gradualmente, esta vai compreender e dominar as suas emoções, regulando-as, torna-se também capaz de ajudar o outro a controlar as suas.

O educador ao criar uma rotina diária consistente, vai contribuir para uma prevenção de conflitos, uma vez que permite à criança fazer escolhas e planejar as suas ações, com a existência de períodos de transição bem planeados. Diminuindo assim a ansiedade e insegurança por parte da criança.

É importante que o educador e a equipa educativa estabeleçam limites razoáveis e que estes sejam claramente explicados à criança, para que esta compreenda o porquê.

O educador deve ser consistente em fazer cumprir regras/limites.

Citando Nascimento (2003) ” *é importante que o educador invista na promoção do desenvolvimento interpessoal, favorecendo a colaboração e o trabalho em grupo*”.

Concluindo, para que as crianças desenvolvam competências fase à resolução de conflitos interpessoais, é essencial que o educador promova situações de reflexão em grande grupo, fornecendo técnicas e estratégias.

1.5 - Papel do Educador

“A esperança de uma criança, ao caminhar para a escola é encontrar um amigo, um guia, um animador, um líder; alguém muito consciente, que se

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

preocupe com ela, que a faça pensar, tomar consciência de si e do mundo e que seja capaz de dar-lhe as mãos para construir com ela uma nova história e uma sociedade melhor.” (Santos; p.109)

Como todos nós sabemos, o educador tem um papel crucial no desenvolvimento da criança. O educador deve criar um ambiente onde a criança se sinta amada e tenha desejo de aprender, estimulando-a, brincando com ela, transmitindo-lhe alegria, de forma a despertar na criança o gosto pela aprendizagem.

Citando Garvey (1979) “ *as brincadeiras das crianças podem-nos parecer, por vezes, frágeis e encantadoras, (...) turbulentas, ruidosas, ingénuas, simplesmente idiotas, ou (...) semelhantes às ações e atitudes dos adultos” (p.7). Porém, “ se observarmos mais perto, poderemos distinguir nelas padrões de espantosa regularidade e consistência” (idem). É importante que nós educadores observem atentamente as brincadeiras das crianças para podermos definir a forma como vamos intervir, contribuindo e apoiando na construção das suas aprendizagens e desenvolvimento.*

O educador antes de intervir junto das crianças necessita de perceber como a criança pensa e compreender quais são as suas necessidades.

Citando Maluf, (2003,p.89),” *o educador precisa de ser bem formado, ter conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, sobre brincadeiras, brinquedos e jogos. Ser uma pessoa bem - humorada, sensível, comunicativa, muito paciente, que goste de brincar, criando um ambiente lúdico descontraído, dedicando-lhes todo o seu amor e afeto, proporcionando-lhe horas felizes, de forma a terem prazer nas suas aprendizagens, tornando-as significativas”.*

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Já ROSSINE (2003, p.11) afirma que *”...aprender tem que ser gostoso...”*, a criança enquanto brinca está aprender, relacionando o que aprende com os seus interesses.

Através das brincadeiras, do jogo simbólico que ela mesmo inventa para construir conceitos, a criança fantasia, imita os adultos, adquirindo experiências para a vida adulta e interpretando o mundo que a rodeia.

Nesta linha de pensamento SEBER (1995,p.55) define que *”a conduta de viver de modo lúdico situações do quotidiano amplia as oportunidades não só de compreensão das próprias experiências como também dos progressos do pensamento”*
Assim o brincar e jogar podem ser utilizados pelo educador como ferramentas para ensinar e aprender.

O educador ao ensinar de uma forma lúdica, para além de estimular a criatividade, irá criar motivação e interesse na criança, em aprender coisas novas e significativas contribuindo assim para o seu desenvolvimento físico, motor, social e cognitivo.

Através do brincar a criança aprende a conhecer, a fazer, a conviver e a SER, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança, curiosidade, autonomia, linguagem e pensamento.

Segundo Cunha (citado por Maluf 2003), *“o educador deve sugerir atividades em que estas tenham de utilizar a criatividade, imaginação, equilíbrio e raciocínio. De forma a despertar o interesse das crianças pelas brincadeiras promovendo o seu desenvolvimento global.”*

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

De acordo com Almeida (2005, p.5), a brincadeira é caracterizada por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira para ele é uma atividade que tanto pode ser coletiva quanto individual. Citando o *autor* “ ***a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar e incluir novos parceiros***”. As regras podem ser modificadas, existindo uma maior liberdade de ação para as crianças.

Através da brincadeira a criança experimenta inúmeras sensações desenvolvendo a sua autoimagem e a do outro, sendo uma função ao mesmo tempo socializadora e integradora.

Assim sendo para o autor, a brincadeira na escola promove aspetos diversos na criança, que são cruciais para o seu desenvolvimento biopsicossocial, sendo imprescindível para uma formação sólida e completa.

1.6- Opções metodológicas

O presente relatório científico inseriu-se no Paradigma de Investigação Qualitativa, onde se procedeu à análise e interpretação da realidade observada, recorrendo à observação direta e participante. Para realizar este trabalho, utilizei a seguinte técnica de recolha de dados, as notas de campo.

1.6.1– Investigação Metodológica Qualitativa

Como referi anteriormente, o presente relatório científico, insere-se no paradigma de investigação qualitativa, e para explicar em que consiste esta metodologia, recorri aos contributos destes dois autores, Bogdan e Biklen, no seu livro em *Investigação Qualitativa em Educação*.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Segundo Bogdan e Biklen, todos os investigadores têm a sua própria maneira de conduzir uma investigação. No entanto, todos eles têm uma característica em comum, o seu trabalho corresponde á definição de investigação qualitativa e incide sobre diversos aspetos da vida Educativa.

De acordo com os autores, a investigação qualitativa possui 5 características:

1. Na investigação qualitativa a principal fonte de informação obtém-se através da observação e do contacto direto. Os investigadores qualitativos podem recorrer a equipamentos que complementem o contacto direto. Estes despendem uma grande parte do seu tempo, em sítios ligados com a sua investigação pois sabem que as ações são melhor entendidas quando observadas no seu local habitual de ocorrência, uma vez que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre. Daí, a importância que as notas de campo tiveram na realização deste trabalho de investigação, notas de campo que surgiram através da minha observação no grupo de crianças de 2/3 anos no seu próprio contexto. ***“Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado.”*** (p.48).
2. A investigação qualitativa é descritiva, o investigador analisa os dados, tentando respeitar o mais possível a forma em que estes foram registados ou transcritos. Neste momento as notas de campo já não são só observações mas sim descrições pormenorizadas com o maior número de detalhes dos momentos observados.
3. Ao recolher os dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo pormenorizadamente. A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

tudo tem potencial para estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo.

4. Todos os dados e resultados são avaliados e nada é dado com certo. A descrição funciona como um método de recolha de dados quando se pretende que nada nos escape.
5. A terceira característica da investigação qualitativa diz que os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos, uma vez que se acredita que os resultados são influenciados pelos processos. As estratégias qualitativas mostram o modo como as expectativas se traduzem nas atividades, procedimentos e interações, influenciando desta forma os resultados.
6. Temos como quarta característica o facto de os investigadores qualitativos tenderem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados com o intuito de confirmar ou não, alguma hipótese que já tenham formulado. Pelo contrário, eles vão formulando as hipóteses à medida que vão recolhendo dados e que estes os vão levando a alguma conclusão. É o que se designa por teoria fundamentada.
7. Para um investigador qualitativo uma teoria sobre o seu objeto de estudo só começa a ganhar forma, depois de se recolherem os dados e após algum tempo passado com os sujeitos. O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes, não partindo da ideia de que já sabe o suficiente para tirar as suas conclusões anteriores à investigação. ***“O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo”*** (p.50).

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

8. Durante o processo de recolha dos documentos de observação o investigador vai refletindo sobre as recolhas e sente necessidade de as agrupar de acordo com o que é mais importante de ver clarificado. Chama-se a isto o processo de análise de dados.
9. O Significado é de importância Vital na abordagem qualitativa. Os investigadores qualitativos preocupam-se com aquilo que se designa por perspectivas participantes. Preocupam-se e demonstram interesse à forma como as diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.
10. Os Investigadores qualitativos em Educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber ***“aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem.”*** (p.51)
11. Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, uma vez que estes não são abordados pelos investigadores de uma forma neutra.
12. As notas de campo são um dos instrumentos utilizados pelos investigadores qualitativos para registar os dados observados.

Para Bogdan e Biklen (1994) afirma que as notas de campo devem ser objetivas na descrição e subjetivas nas inferências. Estes autores definem as notas de campo como ***“todos os dados recolhidos durante o estudo”*** (p.150). Desta forma são o registo escrito onde são descritos de forma detalhada aquilo que o investigador ouve, vê,

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

pensa e se questiona no decorrer da observação, sobre os sujeitos e as suas ações e interações, tendo sempre em conta o contexto envolvente.

Na descrição das notas de campo devem constar: descrições rigorosas e sequenciais dos acontecimentos, hora e duração, a descrição dos sujeitos (idade e sexo), as atividades realizadas pelos sujeitos e dos espaços observados, descrição de comportamentos e transcrição dos diálogos. A descrição deve ser complementada pelas inferências, onde o investigador interpreta e reflete sobre os dados que recolheu, levantando questões que ocorreram no decorrer da observação, quer na leitura que faz dos dados recolhidos. Torna-se por isso necessário dar resposta a essas questões, baseando-se em autores de referência, comparar situações e levantar questões para novas observações.

2.Capítulo II

2.1 - Caracterização do contexto Institucional e comunidade envolvente

A minha prática de ensino supervisionada (PES) decorreu no período compreendido entre 24 de Fevereiro de 2014 e o dia 11 de Abril de 2014, numa Fundação do Instituto Secular das Cooperadoras da Família, na zona de Cascais que se destina a uma população de classe média-alta, dando resposta e apoio à Família, inclusive a famílias numerosas.

A Instituição foi fundada nos anos 70, pelo Instituto Secular das Cooperadoras da Família, construída de raiz, com um nome diferente do que tem hoje, porque tratava-se duma casa que desse resposta a famílias, jovens e crianças que tinham necessidade de beneficiar do sol e do iodo das praias desta zona. Em Junho de 1974 abriu as suas portas, acolhendo um grupo de adolescentes e em Setembro recebe o primeiro grupo de crianças com idades de creche e jardim - de - infância, ficando até hoje como creche e jardim-de-infância, alterando apenas o nome.

A Instituição localiza-se no conselho de Cascais, a poucos metros da estrada Marginal, junto à praia, um lugar calmo e tranquilo, numa área de espaços verdes, vivendas particulares e zona de comércio. Nas proximidades podemos encontrar dois equipamentos de saúde: “ Hospital de Santa Ana e a “Clínica Europa”. A zona onde está inserida tem 4,37 km (2) de área e 20 037 habitantes (dados de 2001), com uma densidade populacional de 4,588,3 hab. /km (2). Fruto de grande crescimento urbanístico que toda a área metropolitana de Lisboa sofreu nos últimos 20 anos, deixou

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

de ser uma localidade isolada da Costa do Estoril para se tornar uma Freguesia quase totalmente urbana e integrada.

A nível de estrutura de emprego, uma vez que está integrada no Conselho de Cascais, vem configurando, nas últimas décadas, uma estrutura de emprego de nítida terciarização com relevância para o chamado “terciário superior” (intermediações e prestações de serviço mais especializadas) avançando gradualmente para o setor “quaternário” (referente à esfera de novas economias de acentuado poder tecnológico).

No que concerne às habilitações escolares dos residentes ativos empregados, verifica-se que o maior contingente possui o Ensino Secundário (22,2%), sendo muito aproximados os pesos relativos dos que completaram o 3º ciclo do ensino básico (20%) e dos que fizeram o 1º Ciclo (19,5).

A zona onde está inserida tem excelentes acessibilidades e tem como fator privilegiado a sua localização por um lado próxima do centro de Lisboa e ao mesmo tempo perto dos centros turísticos e de lazer de Cascais e Sintra. É privilegiado pela sua praia que é uma das maiores da zona, desenvolvendo e aumentando assim a atividade económica e levando ao desenvolvimento urbanístico devido á crescente procura turística.

Em 1982 a instituição foi reconhecida e registada na segurança Social como sendo uma Instituição de grande qualidade, recebendo “O Acordo de Cooperação.”

Sendo uma Instituição Cristã Católica tem como princípios e valores humanos, olhar a criança na sua dimensão humana e espiritual tratando-a com respeito, carinho e afeto. Considerando a Família como um elemento natural e fundamental da sociedade, onde defende que os pais têm direito de educar os seus filhos livremente, de acordo com as suas convicções religiosas, ideológicas e éticas, como primeiros e principais

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

educadores, visando a colaboração entre a Igreja e a Sociedade, favorecendo o diálogo, a compreensão, a tolerância e a amizade entre famílias.

Tendo na sua ação como principais objetivos e preocupações:

- Cooperar com a Família na sua missão educativa;
- Oferecer às crianças, na sua primeira e segunda infância, um espaço de vida socialmente organizado e adaptado às suas idades;
- Prestar à criança os cuidados básicos para a satisfação das suas necessidades físicas, sensoriais, cognitivas, emocionais e afetivas;
- Organizar serviços de apoio e ajuda complementar, às famílias com dificuldades específicas na sua missão educativa;
- Criar espaços de encontro entre familiares que se tornem incentivo e estímulo a um espírito de convivência e de solidariedade humana e social.
- Como ainda proporcionar às famílias a sua participação em estruturas de entajuda na concretização dos seus projetos familiares, numa perspectiva cristã, dando prioridade a um conjunto de valores que dão sentido à vida: o amor, a verdade, a liberdade e a responsabilidade.

2.2 Caracterização do espaço:

A instituição foi concebida de raiz, é um equipamento social constituído por três pisos. A resposta social de creche funciona no piso térreo, estando o pré-escolar dividido entre o piso térreo e o piso inferior. No piso inferior encontram-se ainda alguns espaços comuns utilizados pelas crianças de ambas as respostas sociais, como dormitórios, refeitório, sala polivalente e salão onde se realizam todos os eventos feitos por esta.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

O segundo piso encontra-se reservado aos funcionários da instituição, com exceção da capela que é um espaço frequentado pelas crianças com orientação e supervisão dos adultos. No exterior existe, um parque e dois pátios, um com relva e outro feito em cimento, onde todas as crianças podem explorar, brincar e interagir.

A Instituição tem capacidade de receber até 180 crianças, distribuídas pelas respostas sociais de creche e de Pré-escolar, dispondo dos seguintes recursos:

Contém três salas de creche e cinco salas de Pré-escolar. Todas as salas têm casa de banho de apoio e duas salas de creche têm refeitório.

Na instituição cada sala está identificada com um nome de uma flor, escolhida por esta referindo-se à faixa etária em que a criança está.

Resposta social de Creche

Quadro 1. Caracterização das idades de crianças na valência de Creche		
Nome das salas	Idades	Nº máximo de crianças
Miosótis	0 a 1 ano	20
Amores - Perfeitos	1 aos 2 anos	21
Papoilas	2 aos 3 anos	24

Em relação ao projeto educativo, a instituição rege-se segundo o Movimento de Escola Moderna cujo trabalho se baseia em responsabilizar a criança pelas suas escolhas, quer seja pelo que fazem diariamente, como também no seu interesse, transformado assim em projeto, que exige pesquisa e procura. Ficando assim a criança a ter um conhecimento mais amplo e pormenorizado do tema escolhido, marcando assim

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

a diferença no processo de aprendizagem, propondo situações que sejam suficientemente interessantes e desafiadoras de modo a estimular a criança.

A instituição tem atividades extra curriculares, tendo um professor permanente de música, Educação Física / Expressão pelo Movimento e Inglês, em que nesta última, a instituição suporta apenas uma parte. A Instituição promove vários inventos, e tem parceria com a câmara de Cascais onde são desenvolvidas várias atividades, tais como passeios e espetáculos.

As atividades extracurriculares são muito significativas, estimulam a socialização e o desenvolvimento integral da criança.

A instituição também tem uma preocupação acrescida com toda a comunidade educativa, em que proporciona e promove formação constante de forma a se manterem sempre atualizadas, contribuindo assim para uma maior qualidade dos serviços prestados em que todos saíam a ganhar, ao mesmo tempo, pensando sempre no melhor para a criança e para o seu desenvolvimento.

2.3 – Caracterização das crianças e do ambiente educativo

O meu estágio decorreu na sala das Papoilas, constituída por vinte e quatro crianças, com idades compreendidas dos 2 aos 3 anos, dos quais catorze eram meninas e dez eram meninos. Quatro destas crianças estavam pela primeira vez na instituição e as restantes vinte acompanhavam a equipa do ano anterior.

Nesta fase de crescimento, a criança, está em pleno desenvolvimento das suas competências linguísticas, através das quais, alcança níveis de qualificação que lhe permitirão enfrentar com sucesso as tarefas seguintes do seu desenvolvimento.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

O grupo tinha bastantes competências desenvolvidas, tanto motoras como cognitivas, era um grupo muito curioso, demonstrando bastante interesse em aprender. Exploravam o meio ambiente de forma independente, aceitando bem o outro, gostavam de participar todos ao mesmo tempo e de falar todos ao mesmo tempo, mas conheciam bem as regras. Existia um grande interesse por parte da criança em relação às atividades de expressão plástica. O interesse pela música era bem patente, conheciam algumas e pediam que lhe cantássemos outras, acompanhavam as músicas com gestos, divertiam-se imenso, a cantar e dançar. Mas era nas brincadeiras que existia um encantamento, adoravam explorar todos os brinquedos, estabeleciam relações em que o jogo simbólico estava sempre presente, brincando num mundo só seu. Seleccionavam os amigos com quem queriam brincar, brincando muito inter-pares. Quanto à ideia de partilharem os brinquedos ainda era feita com muita dificuldade, dando origem a alguns conflitos, sendo ainda muito egocêntricos

A sala encontrava-se organizada, contando como uma seleção de materiais que favoreciam o jogo simbólico e a realização de pequenas atividades.

“ É através da brincadeira que a criança descobre o mundo e se descobre a ela própria.” Gabriela Portugal

A sala era muito acolhedora, muito arejada e com imensa luz natural, proporcionando um ambiente harmonioso, contribuindo para um desenvolvimento global da criança, do grupo. Sempre que o tempo convidava, as crianças usufruíam também de atividades ao ar livre, no pátio da relva, de forma a explorar o meio tornando as suas experiências mais ricas. A sala, como já referi, é bastante espaçosa, proporcionando às crianças e aos adultos uma boa organização dos espaços, criando áreas bem diferenciadas, proporcionando às crianças e ao grupo, um bom desenvolvimento, permitindo assim á criança através da brincadeira, da comunicação,

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

do diálogo, das rotinas, da partilha e das experiências fazer novas descobertas. A criança ao brincar ao faz de conta, através da comunicação e exploração, vai descobrindo o mundo que a rodeia.

2.4 – Práticas correntes observadas na Instituição

A sala onde estagiei era a sala das Papoilas, cuja faixa etária era dos 2 aos 3 anos e era constituída por um grupo de 24 crianças, 14 meninas e 10 meninos.

Esta sala onde estagiei também tinha uma função de acolhimento, recebendo as crianças de todas as salas, era orientada pela diretora da instituição e por uma auxiliar, com abertura às 7 horas e 30 minutos. Às 8h30, as educadoras chegavam, e as crianças acompanham-nas para a sua respetiva sala.

Para se fazer um trabalho de qualidade é necessário que o ambiente seja de harmonia, trabalhando em equipa, para um determinado objetivo que é a criança. A equipa da sala era constituída por uma educadora, duas auxiliares e eu como estagiária.

O ambiente na equipa era de uma grande união e respeito mútuo, pelo trabalho de cada uma, proporcionando à criança um bom desenvolvimento.

Como estávamos numa sala de creche, o tempo educativo era flexível, correspondendo a momentos que se repetiam com uma certa periodicidade. Cada dia tinha um determinado ritmo, existindo uma rotina educativa planeada pela educadora e que era conhecida pela criança, sabendo o que podiam fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, dando assim à criança da noção dos diversos tempos que compõem o dia.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Sem esquecer que pode sempre haver alterações consoante o interesse e necessidade das crianças e tendo como princípio respeitar sempre o ritmo de cada criança, nas diferentes situações de rotina: alimentação; higiene e repouso (sono).

Numa sala de creche as rotinas educativas são fundamentais para o bem-estar e equilíbrio das crianças. Principalmente nesta fase em que, sem noções de tempo e sem controlo sobre o seu dia-a-dia, se sentem por vezes um pouco à deriva. As rotinas evitam esse sentimento dando segurança e confiança à criança.

Com as rotinas, as crianças da sala aprendiam a ser mais autónomas, estabeleciam relações afetivas, construindo relações de confiança com o educador ou adulto que cuidava delas, ganhando mais segurança. Na higiene iam tendo mais consciência do seu corpo, o que os ia tornando mais autónomos. No que se refere à alimentação as crianças iam descobrindo novos sabores e texturas, aprendendo a gostar de certos alimentos, era interessante observar, como gostavam de falar uns com os outros, na hora da refeição, não estavam ali só para comerem, também era um momento de relação e comunicação entre eles, estabelecendo relações com os seus pares.

Conheciam bem as rotinas, tendo um papel cada vez mais ativo nelas. É importante sempre estimular a criança na sua autonomia dando-lhe confiança e segurança.

O sono também é um momento fundamental no desenvolvimento e bem-estar da criança, proporcionando o descanso necessário para o crescimento e desenvolvimento, repondo energias, para o decorrer do dia. Servindo também para perceberem os diferentes momentos do dia. Na hora de dormir, cada um já conhecia a sua cama e a sua rotina, (de guardar os sapatos, colocar o casaco direitinho, tirar a sua chucha e ir buscar a fralda ou brinquedo para se aconchegar), como também sabiam que não podiam falar uns com os outros.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Todos os dias as crianças iniciavam o dia sentados no tapete, onde cantavam a canção do “Bom dia”. A seguir a educadora, conversando com eles, lançava-lhe algumas perguntas para perceber o que eles gostariam de fazer naquela manhã.

À segunda e à sexta-feira tinham foco musical, logo a seguir à canção do bom dia e na quarta-feira tinham Expressão Corporal.

Era um grupo muito interessante, manifestavam bastante interesse nestas atividades, as expressões nos rostos deles e a excitação demonstravam o quanto se sentiam felizes, em participarem e o quanto estavam motivados.

Como referi anteriormente, o modelo pedagógico da instituição é O Movimento de Escola Moderna, mas como nos encontrávamos em sala de creche é difícil de utilizar este modelo, a Educadora utilizava a estratégia de pequenos projetos, abrangendo todas as crianças da sala. Ao tratar-se de uma sala de creche e como eram projetos que iam englobar todas as crianças de sala, eram expostos ao longo do ano nos placares da sala e nas paredes da escola.

Segundo Marília Mendonça” *os projetos das crianças têm como referência implícita o seu desejo de crescer e aprender, partindo dos seus interesses e saberes, com o sentido de serem pessoas felizes*” (2007,p.47), cabendo assim ao educador ser o mediador deste crescimento de saberes tendo em conta as idades e as necessidades das crianças.

Os projetos que se desenvolveram tinham como temas datas temáticas do ano; São Martinho; O Natal; O Carnaval; Dia do Pai e o dia da Mãe. Como também, eram explorados temas como as estações do ano, as cores, figuras geométricas e todos os temas interessantes que fossem surgindo durante o ano. “O Livro “estava sempre presente na sala, quer fossem livros escolhidos pela educadora, quer vindos de casa.

A educadora estimulava as crianças através de atividades bastante variadas, abertas, motivadoras, diversificadas, fazia com que a criança ganhasse gosto e interesse no que estava a fazer, tornando as suas aprendizagens significativas.

A educadora valorizava muito a Expressão Plástica, a Expressão Musical, as atividades ao ar livre e o Brincar, proporcionando-lhes várias experiências significativas. Utilizavam todos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

os materiais que iam favorecendo a criança como: sensações; descobertas; aprendizagem; sentido estético; vontade de querer saber e aprender mais.

Citando a Educadora de Sala, “nesta idade o brincar é um pilar fundamental para o desenvolvimento da criança, é importante que nós educadores tenhamos a sensibilidade, de não travar a criatividade e a imaginação da criança, mas sim incentivar, dando a oportunidade à criança de aprender a conhecer-se a si própria, conhecer os outros e o mundo em que vive.

Nesta idade a criança aprende mais, não só nas competências cognitivas como a nível emocional “Aprende a Amar e a demonstrar Afeto se for Amada, aprende a Respeitar se for Respeitada, a Ouvir se for Ouvida, tudo o que aprende é conhecido, demonstrado.

Para que a criança se sinta em segurança temos que lhe dar um ambiente de confiança, em que a verdade e a justiça prevaleçam. Não é através do castigo que a criança aprende a respeitar as regras, mas com perseverança de e a verdade do que está certo ou errado.

Este ano, segundo a educadora, na sala está a ser feito um trabalho invisível, algo que não se vê: o afeto; a confiança; o respeito pelo outro; o cumprimento de regras; começando aqui a sua própria identidade.”

3. Capítulo III

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

“ Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

Anthoine De Saint-Exupéry

No meu percurso de mestrado, realizei dois estágios numa Fundação do Instituto Secular das Cooperadoras da Família.

O primeiro decorreu entre 24 de Fevereiro a 11 de Abril de 2014, em valência de creche, com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos. O segundo estágio foi em segunda Infância, realizado entre 12 de Maio e 18 de Junho de 2014, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

O meu trabalho de campo e a minha investigação incidiu sobre o primeiro estágio, uma vez que o segundo estágio apanhou a época de praia e as atividades em sala foram muito poucas.

No primeiro estágio, na medida que ia estabelecendo uma relação de confiança com o grupo e com cada um em particular, fui observando e envolvendo-me, direta e indiretamente nas suas vivências e brincadeiras inter-pares. A cada dia na minha observação fui verificando que existia um encantamento e um interesse enorme das crianças pelas atividades lúdicas, música, dança e principalmente brincadeiras.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

À medida que ia registando todas estas vivências e relendo as minhas notas de campo, ia interrogando-me e sentindo curiosidade em compreender, sobre o que ia acontecendo nas relações que as crianças estabeleciam entre si, num ambiente de socialização.

Como afirma G. Portugal (1998 p,21) *”É do senso comum a ideia de que o desenvolvimento Social e Afetivo da criança emerge nas relações com as pessoas, particularmente com os pais, irmãos, familiares, educadores, professores e amigos... Tanto pais como educadores, intuitivamente, reconhecem a importância das relações sociais da criança, sabem que é extremamente enriquecedor para o seu crescimento social e afetivo.”*

Das observações realizadas foram surgindo algumas questões:

- Como se relacionavam?
- O porquê da partilha ser tão difícil nestas idades?
- Como resolviam os seus conflitos?
- Porque brincar é tão importante na vida da criança?
- Como é que o educador vê o ato de brincar na criança nesta idade?
- Qual o desenvolvimento num ambiente de socialização nestas idades?

Após uma reflexão sobre as notas de campo e em reunião com a minha orientadora de estágio surgiu o problema: *Qual a Importância do Brincar na Relação Inter-Pares?*

A minha prática educativa iniciou-se após uma semana de observação, como já referi, todos os dias ia construindo laços de afetos e confiança com as crianças, entrando nas suas brincadeiras, observando e ajudando a resolver alguns conflitos entre elas.

Como educadora durante a minha prática, através da relação com as crianças, tentei criar sempre um bom ambiente, onde a criança se sentisse amada e confiante, estimulando a

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

brincadeira, transmitindo-lhe alegria, contribuindo assim para um bom desenvolvimento da sua identidade.

Estando de acordo com as palavras citadas pela Educadora de Sala, passo a citar *“nesta idade o brincar é um pilar fundamental para o desenvolvimento da criança, é importante que nós educadores tenhamos a sensibilidade, de não travar a criatividade e a imaginação da criança, mas sim incentivar, dando a oportunidade à criança de aprender a conhecer-se a si própria, conhecer os outros e o mundo em que vive.”*

Isto é, ao brincar a criança, representa, cria, usa o faz de conta para entender a realidade que a rodeia, vive o momento, ao mesmo tempo, que descobre a sua identidade.

Como se pode verificar na **nota de campo nº10**, onde se relata um momento de brincadeira livre, três crianças, duas do sexo feminino e uma do sexo masculino, com 3 anos, brincavam na casinha: **A M. era mãe, o F. era o pai e a J. era filha.**

“A M. veste dois casacos à J. e diz:

- Está muito frio, a mamã quer que estejas quentinha, se tiveres calor não podes despir.

A J. responde:

- Mãe hoje quero bolachinhas com leite para o lanche.

O F. dá um beijinho à M. e à J. com muita pressa dizendo:

- Já é tarde, tenho que ir trabalhar.”

(10-3-2014)

Aqui as crianças ao brincar ao faz de conta imitam o adulto, nas suas vivências e atitudes.

Segundo Vygotsky, (1991), a brincadeira é brincar é muito importante no desenvolvimento infantil, não podendo ser definido apenas como sendo uma atividade que dá prazer á criança, uma vez que ela ao brincar é transportada para um mundo imaginário, de fantasia onde vão sendo capazes de transformar anseios impossíveis em desejos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

realizáveis, complementando as suas necessidades. Então citando o autor *“se a criança não pode agir como um adulto, pode fazer de conta que o faz, criando situações imaginárias (...) à semelhança do comportamento do adulto.”*

“No meio da manhã as crianças brincavam livremente no pátio da relva, quando observo quatro meninos a correr uns atrás dos outros, como se estivessem a conduzir.

O F. que era o da frente de repente para e olha para o T., o P. e o V. e diz:

- Está vermelho, temos que parar.

De repente o T. começa novamente a andar e a fazer brr...brr.. e o F. volta a dizer:

- Não... não... para.

- Então o T. para e o P. e o V. Fazem o mesmo.

O F. olha para o lado esquerdo e depois para o lado direito e depois diz:

- Está verde já podemos ir.

E lá foram eles a correr e a buzinar.”

(23-3-2014)

Onde está mais uma vez bem patente na **nota de campo nº 14**, a necessidade de a criança através do jogo simbólico, compreender a realidade e o mundo à sua volta.

Ao proporcionar momentos livres de brincadeira, observa-se que a criança vai aprendendo numa relação com os seus pares, a gerir as suas vontades e frustrações, que irão contribuir para a construção da sua própria identidade, como a **nota de campo nº12** ilustra.

“Na área da casinha o S. e a R. brincavam aos índios:

- Eu sou o chefe. Diz a R.

O S. Grita:

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

- *Oh, Oh, Oh! E corre em volta da R.*

A R. diz:

- *Senta, eu estou a mandar sentar, eu sou a chefe!*

O S. continua com a correria e com os sons à volta da R.

A R. grita:

“ Para, não sabes brincar a isto.”

Nesta brincadeira a criança (R.) percebe que a sua vontade nem sempre prevalece, levando a criança a ficar frustrada.

Citando Brazelton, (2008, p.58), *“ É através da relação entre pares, que a criança vai percebendo e estabelecendo limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida.”*

Durante a minha prática ia observando que as crianças todos os dias traziam livros de casa para contarem aos amigos. Foi então que propus à educadora se podíamos criar um momento na hora do conto, em que a criança contava a história na forma como a conhecia, e só depois a história era lida ao grupo, a educadora achou uma boa ideia, tornando-se numa experiência muito engraçada.

A partir daí fui-me apercebendo e observando que as crianças nas suas brincadeiras entre pares, gostavam de imitar as personagens dessas histórias, brincando ao faz de conta elas iam representando a história na forma como a interpretavam. O que está bem patente nas notas de campo nº 11 e 13 que passo a ilustrar.

“Na área da casinha a M. a C. e a B. brincavam livremente, após ter sido contada a história da Gata Borracheira.

A M. Grita com a C.:

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

- *Não lavas-te a loiça não vais passear.*
- *Mas eu lavei toda.*
- *A M. agarra na B. e diz:*
- *Vamos B. ela fica em casa a arrumar tudo e a fazer a comida.”*

(13-3-2015)

No recreio o T. e o P. estavam sozinhos debaixo do escorrega, quando o T. sai de lá a correr e diz:

- *Tu não me vais comer tigre.*

O P. sai a correr atrás do T. e grita:

- *Não tenho medo do teu fogo (e emite um som semelhante ao rugido do tigre).*

(24-3-2014)

Segundo Silva (2013), os contos de fadas têm um papel fundamental na formação da personalidade, ajudando as crianças a pensar e a experimentar o mundo facilitando a sua compreensão, contribuindo para a resolução de conflitos, de valores, bem como um entendimento da sua realidade.

A autora refere ainda que os contos de fadas podem contribuir para ajudar a criança a superar certos medos, inseguranças e receios, ao vivencia-los de uma forma lúdica, facilitando o entendimento.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Queria reforçar aqui o que já referi anteriormente sobre o papel do educador, é fundamental que nós educadores possamos observar atentamente as brincadeiras das crianças para podermos definir a forma como vamos intervir, contribuindo e apoiando na construção das suas aprendizagens e desenvolvimento.

Citando Maluf, (2003, p.89),” *o educador precisa de ser bem formado, ter conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, sobre brincadeiras, brinquedos e jogos. Ser uma pessoa bem - humorada, sensível, comunicativa, muito paciente, que goste de brincar, criando um ambiente lúdico descontraído, dedicando-lhes todo o seu amor e afeto*”, proporcionando-lhe horas felizes, de forma a terem prazer nas suas aprendizagens, tornando-as significativas.

Por isso quero acrescentar e porque acredito que os primeiros anos de vida da criança são cruciais na sua formação como pessoa, que nós educadores têm que ter o sentimento e responsabilidade de que as atitudes que tomamos podem fazer toda a diferença no desenvolvimento da criança. As vivências têm que ser felizes.

E para que essas vivências sejam felizes nada mais importante que estimular a brincadeira e a relação inter-pares, contribuindo assim para a construção da sua identidade

Vigotsky (1987,p35) “O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos crianças e adultos.”

Através da brincadeira a criança experimenta inúmeras sensações desenvolvendo a sua autoimagem e a do outro, tornando-se ao mesmo tempo uma função socializadora e integradora.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Durante a minha prática fui observando que as relações inter-pares nestas idades dos 2 aos 3 anos, a socialização nem sempre é feita de forma pacífica, é importante destacar que as crianças ao estabelecer relações com outras crianças isto é com os seus pares, criando um ambiente de socialização, muitas dessas relações inter-pares que as crianças estabelecem muitas das vezes geram conflitos, uma vez que a criança ainda é muito egocêntrica e a partilha ainda é muito difícil

Para Rubin, et al., (1998) a criança entre os dois e três anos e meio de idade já é capaz de estabelecer relações recíprocas com os seus pares. Afirmo ainda, *“que no seio destas relações as crianças ensaiam trocas mútuas de afetos e de comportamentos positivos, mas também negativos”*.

De acordo com Durkin, (1995) é neste período que surgem as zangas e os conflitos, desencadeados sobretudo pela disputa na posse do objeto. Nestas idades as crianças ainda são muito egocêntricas, a partilha gera muitos conflitos.

Na minha prática fui registando várias situações de conflito em que as crianças nestas idades ainda não têm capacidade para os conseguir resolver, necessitando a ajuda do adulto. Aqui o seu egocentrismo ainda está muito acentuado, a criança ainda não consegue colocar-se no lugar do outro, verificando-se a luta constante pela posse do brinquedo, isto é a dificuldade da partilha.

Segundo Wallon (1980,1995,1998) o conflito é um fator propulsor do desenvolvimento da criança, contribuindo para a construção do sujeito e da sua identidade, através da afirmação do Eu. O autor explica que o processo de constituição do *“Eu”* inicia-se por volta dos três anos de idade, altura em que as crianças começam a construir a ideia do *outro*, que por sua vez, vai ajudar na construção da sua própria identidade. Assim sendo os conflitos interpessoais têm um papel crucial no desenvolvimento da criança, pois é na relação que a criança estabelece com os seus

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

pares que irão surgir os conflitos interpessoais. Estes conflitos vão contribuir para que a criança apreenda normas sociais de convivência e tome consciência da perspectiva do outro.

Como nestas idades de 2 e 3 anos a criança não tem capacidade para conseguir resolver os seus próprios conflitos, devido ao seu egocentrismo, o adulto tem que intervir, como está ilustrado na **nota de campo nº1**.

“De seguida o D. pousa a mochila dos brinquedos numa mesa e vai sentar-se noutra a fazer um desenho. Poucos segundos depois o F. vê os brinquedos do D., mexe e começa a brincar. O D. olha, vê o que o F. está a mexer nas suas coisas, levanta-se da mesa, corre em sua direção e puxa da mão do F. o seu brinquedo. O F. não larga o brinquedo e durante segundos os dois puxam o brinquedo em direções opostas. Por fim o F. larga o brinquedo, o D. pega no dito brinquedo e dirige-se, com este na mão para a mesa onde estava a fazer o desenho. Minutos depois o F. pega num livro que também era do D. e aí a Educadora diz-lhe que o livro é do D. e se ele quer brincar tem que pedir ao D. antes de pegar nas suas coisas. Nesse instante o F. dirige-se até ao D, entrega-lhe o seu livro.”

(27-02-2014)

Hohmann e Weikart (2009) afirmam:

“ Os adultos tornam notada a sua presença (...) quando encorajam as crianças a resolver os problemas que surgem ao longo do dia; (...). Se surgem conflitos, os adultos não tomam a posição de juízes. Em vez disso, modelam comportamentos apropriados e envolvem as crianças na resolução de problemas (...). Quer os adultos, quer as crianças, vêem os problemas, os erros e os conflitos como oportunidades para aprender através da ação.” (p.72).

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

A intervenção do adulto torna-se necessária quando duas ou mais crianças não têm a capacidade de gerir os seus problemas, sendo que este não toma decisões sozinho, envolvendo a criança na resolução do conflito.

Segundo Brazelton (1995) deve-se ajudar a criança a controlar-se ou ensinar-se por meio de exemplos, maneiras de dominar uma situação. Muitas vezes o modo como esta é ajudada a apaziguar um conflito é mais instrutivo do que grandes conversas. Uma atitude direta, firme mas carinhosa pode ser a melhor maneira de lhe dar o exemplo.

Ilustro aqui outra situação, na **nota de campo nº7**, em que o conflito emergiu, quando uma das crianças não quis partilhar os lápis com o outro, sendo necessário a intervenção do adulto, uma vez que as crianças não estavam a conseguir resolver o conflito. A partilha continua a ser muito difícil nestas idades.

“As crianças estavam a fazer um desenho quando observo o M. e o L. sentados numa mesa. Tinham as folhas de desenho, mas faltavam as canetas e os lápis. O L. diz: “vou buscar as canetas.”

Este vai buscar as canetas pousa o copo das mesmas em cima da mesa, bem perto de si. O M. estica-se para tirar uma caneta, mas o L. impede-o colocando o copo fora do seu alcance. O M. diz: “deixa-me tirar uma caneta!”

O L. responde: “Não, não, estas são minhas.”

O M. começa a gritar: “dá-me as canetas!”

Eu, ao observar a situação intervenho dizendo ao L. para pousar o copo em cima da mesa que as canetas são para os dois usarem.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Explico ainda ao M. que não precisa de gritar com ninguém, se o L. não lhe dava as canetas tinha de lhas pedir, em vez de gritar. E se o L. não lhe desse as canetas, tinha de ir dizer aos adultos da sala.

As crianças acalmaram-se e continuaram a fazer o seu desenho.”

(17-3-2014)

É importante que o educador tenha uma atitude calma e através do diálogo vá transmitindo normas de comportamento, para que a criança as vá interiorizando.

Citando Brazelton (1995) *“com o passar do tempo torna-se cada vez mais importantes as experiências com outras crianças da mesma idade. A criança não só aprende padrões de comportamento com as outras como pode experimentar com segurança os seus próprios padrões. Nesta fase as crianças zangam-se umas com as outras, fazem os outros chorar mas estão sempre ansiosas para ir para junto deles”*.

Aprender a partilhar faz parte de um processo cognitivo muito importante chamado altruísmo.

Brazelton (1995) refere ainda, que à medida que vão crescendo as crianças passam por diversos estádios de desenvolvimento. Durante um deles as crianças aprendem a relacionar-se com os outros com compaixão e empatia. Em cada um desses estádios é necessário determinadas experiências. Por exemplo para que as crianças se relacionem umas com as outras com compaixão é necessário que os adultos que a rodeiam proporcionem experiências afetivas e empáticas. No entanto, existem crianças que precisam de mais prática para aprenderem a relacionar-se com os outros e a criar laços de carinho e confiança.

Síntese

O estudo que desenvolvi centrou-se em compreender *“ Qual a importância do brincar numa relação interpares?”*, assim, concluo, que a brincadeira e a relação que

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

as crianças estabelecem entre si são cruciais no seu desenvolvimento a todos os níveis. Através da brincadeira a criança representa, cria, usa o faz de conta para entender a realidade que a rodeia, ao mesmo tempo que estabelece uma relação com os seus pares, a criança apreende normas sociais de convivência e vai tomando consciência do outro.

Neste estudo ficou bem patente que as relações inter-pares nem sempre são feitas de forma pacífica, sendo nestas idades ainda muito egocêntricas, o que dá origem a muitos conflitos. Por sua vez esses conflitos vão contribuir para que a criança vá descobrindo e construindo a sua identidade, através da afirmação do “Eu.”

Verifiquei também, que as crianças nestas idades ainda não têm a capacidade de resolverem os seus conflitos, necessitando da ajuda do adulto para os resolver.

O educador deve ser um mediador na resolução desses conflitos, optando por uma atitude calma e de diálogo ou através de uma atitude direta, firme mas carinhosa, dando a oportunidade à criança de aprender a resolve-los.

Para finalizar, reforço aqui mais uma vez, que a nossa marca no desenvolvimento da criança depende da atitude do educador, nós somos responsáveis por fazer a diferença, e a diferença é construída através da relação de confiança, de um ambiente de afeto, de experiências ricas e de vivências felizes. Para que essas vivências sejam felizes nada mais importante que estimular na criança, a brincadeira e a relação inter-pares, contribuindo assim para a construção da sua identidade

4. Capítulo IV

Considerações Finais

“ É através da brincadeira que a criança descobre o mundo e se descobre a ela própria.” Gabriela Portugal

Intitulado “ Qual a Importância do Brincar numa Relação Inter pares?”

Este projeto surgiu, porque a cada dia na minha observação direta com o grupo, durante a minha prática pedagógica (PES), ia verificando que existia um encantamento e um interesse enorme das crianças pelas atividades lúdicas, principalmente pelas brincadeiras inter-pares. À medida que ia registando todas estas vivências e relendo as minhas notas de campo, fui-me interrogando e sentindo curiosidade em compreender, sobre o que ia acontecendo nas relações entre as crianças neste ambiente de socialização, o que deu origem a várias questões.

Após uma reflexão sobre as notas de campo e em reunião com a minha orientadora de estágio surgiu o problema: “ ***Qual a Importância do Brincar numa Relação Inter pares?***”

Brincar é a coisa mais importante na vida da criança, através da brincadeira, a criança expressa-se, interage e aprende a lidar com o mundo que a cerca, formando a sua personalidade, recriando situações do quotidiano, aprende a relacionar-se e a interagir, descobrindo-se a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia.

Através da brincadeira a criança constrói as suas aprendizagens e conhecimentos, a sua imaginação intensifica-se e representando o mundo social que a cerca.

A investigação realizada neste trabalho inseriu-se no paradigma de Investigação Qualitativa, onde se procedeu à análise e interpretação da realidade observada, recorrendo à

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

observação direta e participante, em que através das descrições das notas de campo emergiu o problema, sendo este o instrumento de recolha de dados utilizado. “*Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado.*” Bogdan e Biklen, (p.48).

O meu período de estágio foi muito importante porque tive a oportunidade de colocar em prática as aprendizagens que adquiri ao longo do curso, foi um período de grande crescimento profissional e pessoal.

Nesta fase de crescimento a criança está em pleno desenvolvimento das suas competências linguísticas, o que é fundamental promover e proporcionar à criança experiências que fomentem essas competências. Assim sendo, como as crianças gostavam de trazer histórias de casa, eu em conjunto com educadora cooperante, achamos interessante envolver a criança na hora do conto, tornando-a agente do seu próprio desenvolvimento, pedindo a esta, para contar a história que trouxe de casa, antes de ser contada por mim ao grupo. Através destas experiências tinha como intencionalidade criar um ambiente de socialização, estimulando na criança a confiança, a autonomia, a relação entre eles, a partilha, o respeito pelo outro e ao mesmo tempo desenvolvendo as competências linguísticas.

Foi uma experiência concretizada com sucesso, porque para além desta intencionalidade, de um ambiente de muita risada, e intervenção das crianças, verifiquei que contribuiu, para que a criança através do jogo simbólico, representassem as histórias, nas suas brincadeiras entre pares. Citando Vigotsky (1987,p35) “*O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos crianças e adultos.*”

Para compreendermos as necessidades da criança, nós educadores temos de ter a capacidade de ser observadores e reflexivos, percebendo como a criança pensa antes de intervir.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

A minha primeira semana de estágio foi sobretudo de integração e de Observação. Como já referi anteriormente, todos os dias através de uma relação de confiança, ia construindo laços de afetos com as crianças, entrando nas suas brincadeiras, observando e ajudando a resolver alguns conflitos entre elas, criando assim um bom ambiente, onde a criança se sentia amada e confiante, estimulando a brincadeira, transmitindo-lhe alegria, contribuindo assim para um bom desenvolvimento da sua personalidade e identidade.

Tal como refere Maria Isabel Pires (2007), é essencial para todo o processo educativo dos alunos que existam vinculações que unam os alunos aos professores/ educadores, permitindo assim que os alunos desenvolvam personalidades autónomas e que estas estejam num projeto de vida. Para que estas vinculações se possam estabelecer, é necessária a criação de um ambiente tranquilo e cheio de afetividade.

Outro aspeto que considero essencial, é o ambiente em sala, referindo-me à equipa, era constituída pela educadora, duas auxiliares e eu estagiaria, o ambiente era de grande união e respeito mútuo pelo trabalho de cada uma, criando um ambiente de afeto e respeito pela criança, contribuindo assim para que a criança tivesse um bom desenvolvimento.

Quanto ao ambiente da sala, era muito acolhedora, muito arejada, com imensa luz natural, proporcionando um ambiente harmonioso, contribuindo para um desenvolvimento global da criança, do grupo. Era espaçosa, continha áreas bem diferenciadas, permitindo às crianças e aos adultos uma boa organização de espaços, permitindo às crianças através da brincadeira, da comunicação, do diálogo, das rotinas, da partilha e das experiências fazer novas descobertas.

O brincar ao faz de conta, permite à criança, através da comunicação e exploração, descobrir o mundo que a rodeia.

A metodologia usada na instituição era regida pelo Movimento da escola Moderna, cujo trabalho se baseia em responsabilizar a criança pelas suas escolhas, quer

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

seja pelo que fazem diariamente, como também no seu interesse, transformando assim em projeto, que exigindo pesquisa e procura. Como nos encontrávamos em sala de creche é difícil utilizar este modelo, a educadora utilizava a estratégia de pequenos projetos para toda a sala. Segundo Marília Mendonça” *os projetos das crianças têm como referência implícita o seu desejo de crescer e aprender, partindo dos seus interesses e saberes, com o sentido de serem pessoas felizes*” (2007,p.47).

Ao longo da minha prática fui sempre estimulando a brincadeira livre, entre pares, com a intencionalidade de trabalhar competências sociais na criança, as regras, a partilha e o respeito pelo outro, uma vez que nesta fase dos 2 aos 3 anos a criança é muito egocêntrica e a partilha gera muitos conflitos.

De acordo com Durkin, (1995) é neste período que surgem as zangas e os conflitos, desencadeados sobretudo pela disputa na posse do objeto.

Nestas idades as crianças ainda são muito egocêntricas, a partilha gera muitos conflitos. Tal como refere Wallon (1980,1995,1998) o conflito é um fator propulsor ao desenvolvimento da criança, contribuindo para a construção do sujeito e da sua identidade, através da afirmação do “Eu”. Segundo o autor, os conflitos interpessoais têm um papel crucial no desenvolvimento da criança, pois é na relação que a criança estabelece com os seus pares que irão surgir os conflitos interpessoais. Estes conflitos vão contribuir para que a criança apreenda normas sociais de convivência e tome consciência da perspectiva do outro.

Ao constatar durante a minha prática, e como está ilustrado nas notas de campo, as relações entre pares, nesta fase dos 2 aos 3anos, nem sempre são feitas de forma pacífica, originando muitos conflitos, a sua capacidade de os saberem resolver é nula, sendo fundamental que o educador seja um mediador, auxilie a criança na compreensão e controle das suas emoções, atuando como um modelo para esta, optando por uma atitude calma e de diálogo ou através de uma atitude direta, firme mas carinhosa, dando

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

a oportunidade à criança de aprender a resolver-los. Outra forma que considero essencial para que as crianças desenvolvam competências na resolução de conflitos interpessoais, é o educador promover reflexões em grande grupo, explicando técnicas e estratégias.

Depois de realizar o estágio e o presente relatório, posso afirmar que o Brincar e a Relação que a criança estabelece com os seus Pares é um pilar fundamental para o desenvolvimento da criança, nós educadores somos responsáveis por fomentar a criatividade e a imaginação na criança, incentivando-a e dando-lhe a oportunidade de aprender, conhecer-se a si própria, conhecer os outros e ao mundo que a rodeia. Reforço mais uma vez que o desenvolvimento da criança depende da atitude do educador, nós somos responsáveis por fazer a diferença, e a diferença é construída através da relação de confiança, de um ambiente de afeto, de experiências ricas e de vivências felizes. Para que essas vivências sejam felizes nada mais importante que estimular na criança, a brincadeira e a relação inter-pares, contribuindo assim para a construção da sua identidade

Concluo assim que o meu estágio foi bastante positivo, cheio de vivências felizes, aprendi muito com as crianças e com a educadora cooperante, consegui colocar em prática alguns conhecimentos que adquiri durante o meu curso, que se revelaram bastante significativos, principalmente no que se referia em saber identificar a fase de desenvolvimento em que se encontra o grupo, para melhor perceber as suas necessidades e interesses, dar atenção à criança, saber ouvi-la, respeitar o seu ritmo, ajuda-la nas suas dificuldades, ser observadora e reflexiva antes de intervir, contribuindo para a construção da sua personalidade e identidade. Citando Alberto Cury” *Educar é semear com sabedoria e colher com paciência*”.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Para elaborar o presente relatório, foi necessário efetuar diversas leituras, o que tive a oportunidade de aprofundar mais os meus conhecimentos acerca deste tema trabalhado.

Para terminar queria reforçar a importância do papel da investigação na compreensão da realidade educativa. Através do trabalho investigativo foi possível obter respostas concretas acerca de um tema, em relação ao qual, inicialmente, algumas coisas me pareciam vagas. Após um processo de reflexões durante a construção do relatório e a leitura de teóricos de referência pude compreender e aprofundar uma parte da realidade na qual estava envolvida e deste modo agir adequadamente perante no contexto em que me encontrava, bem como nas situações que ocorriam.

Assim, como futuro profissional irei, esforçar-me por ter uma prática pedagógica adequada a este nível. Se, no futuro, outras dúvidas surgirem, já estou informada do processo investigativo e reflexivo que terei de percorrer para continuar a evoluir.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M. T. P. (2005, p.5) O Brincar na Educação Infantil. Revista Virtual E F Artigos.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

- Brazelton, T.B. (1995, 1998). O grande Livro da Criança. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T.B. (2004). A Criança e a Disciplina. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T.B. Greenspan, S.I. (2006). A Criança e o seu Mundo. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, (2008, p. 58). A criança dos 3 aos 6 anos. Lisboa: Editorial Presença.
- Brock, A. et al. (2011, p.65). Brincadeiras: Ensinar para a Vida. Porto Alegre: Artemed.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora
- Borsa, J. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. Portal dos psicólogos.
- Cordeiro, M. (2007). O Livro da Criança (3-º ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.
- Corpas, Surís, Limona & Aguirre (1996,p.93) Corpas, A., Surís, A., Limona & Aguirre, A. (1996). Programa de Formação de Educadores. Lisboa: Liarte. (pp. 94);
- Corpas et al, (1996). Programa de Formação de Educadores. Lisboa: Liarte. (pp. 94);
- Dantas, HELOYSA. A Infância da Razão. Uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon. São Paulo, Manole 1990.
- DeVries, R. (1995). Uma Abordagem construtivista do Papel da atmosfera sociomoral na promoção do desenvolvimento das crianças. In Fosnot, C.T. (org). Construtivismo: Teoria e Prática Pedagógica. (pp. 123-140) Porto Alegre: Artmed. Informação retirada do repositório.ipl.pt.
- Durkin, É. (1995). As Regras do Método Sociológico. São Paulo: Martins Fontes.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

- Galvão, I. (2001,p.124). A análise dos conflitos como eixo para a reflexão sobre a prática pedagógica. Proposições. Vol.12, 122-140. Editora: Agueda Bernardete Bittencourt. (Faculdade de Educação de Campinas).
- Garvey, Catherine, (1979). BRINCAR. Moraes Editores.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1995). Educar a Criança (5ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Maluf, A. (2003, p.89). Brincar – Prazer e Aprendizado. Brasil: Editora Vozes.
- Matta. I. (2001). Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem. Lisboa: Universidade
- Nascimento, I. (2003). A dimensão interpessoal do conflito na escola. In Costa, M. E. Recuperado em 20 de Fevereiro de 2011 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>.
- Navarro (1997) Navarro, F. (1997). Nascer e Crescer: o mundo do seu filho passo a passo. (Vol. 16). Barcelona: Salvat.
- Oom, P. (2008). O Livro dos Pais. Porto: AMBAR
- PAPALIA et al. (2001). PAPALIA, D. E., Olds, W. S., & Feldman, D. R. (2001). O Mundo da Criança (8-º edição). Lisboa: Mc Graw Hill.
- Pimentel, A. (2007). Vigotsky: uma abordagem histórica – cultura da Educação Infantil In J. Oliveira – Formosinho, T. kishimoto & M. Pinazza, Pedagogia (s) da infância: Dialogando com o passado construindo o futuro (pp. 219 – 248). Porto Alegre: Artmed.
- Projeto Educativo da Instituição e de sala. (Fornecido pela Instituição).
- Portugal, G. (1998). CRIANÇAS, FAMÍLIAS E CRECHES. Porto: Porto Editora
- ROSSINI, M. A. S. (2003, p.11). **Aprender tem que ser gostoso**. Petrópolis, RJ: Vozes.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

- Silva R., Veríssimo M. & Santos, A.J. (2004, p.109). Adaptação psicossocial da criança ao pré- escolar. *Análise Psicológica*, 1 (XXII). (pp.109- 118).
- Silva. A. (2013) - <https://psicologado.com/a> – importância dos contos de fadas.
- SALVADOR, C.C.et al. (1999, p.108). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- SEBER, M.G. (1995,p.55). *Psicologia do Pré - Escolar, uma Visão Construtivista*. São Paulo: Moderna.
- Vygotski, L.S. (1989). *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo 2000: Martins Fontes.
- Vygotski, L.S. (1996). *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo 2000: Martins Fontes.
- Vygotski, L.S. (1987, p.35). *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L.S. (1991). *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. (4ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Vasconcelos, T. (coord.) (2012). *Trabalhos por Projetos na Educação de Infância*. Lisboa: Direção- Geral da Educação (DGE), 2012.
- Wallon, H. (1953). *As Etapas da Socialização da Criança*. Lisboa.
- Wallon H. (2010). *HENRI WALLON*. Coleção EDUCADORES MEC. Ministério da Educação (Fundação Joaquim Nabuco).
- www.ebah.pt (As Fases do desenvolvimento da criança segundo Wallon, Piaget e Vygotski, Dantas).
- Wallon, H. (1980, p.57). *Psicologia E Educação da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

- Yudina E. (2009). Redescobrir Vigotsky. In APEI, & D. d. 77 (Ed.), Infância na Europa – Destacável Noesis N-º77 (77). Lisboa: APEI.

.

Anexos

Anexo 1 – Notas de Campo que Ilustram os Conflitos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Acolhimento

Data: 27 de Fevereiro de 2014

Hora: 9h 10 m

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: Educadora, dois meninos da sala

Sexo do Observado: Duas crianças do sexo masculino

Idade do Observado: 2 anos de idade

Outros indicadores de Contexto: Estava na hora do acolhimento e as crianças iam chegando à sala com os pais.

Descrição	Inferência
<p>O D. chega com o pai e diz à Educadora que dentro da sua mochila traz brinquedos para brincar na sala. A educadora sorri e diz-lhe que os brinquedos que os meninos trazem de casa para a sala são para ser partilhados com os colegas.</p> <p>De seguida o D. pousa a mochila dos brinquedos numa mesa e vai sentar-se noutra a fazer um desenho. Poucos segundos depois o F. vê os brinquedos do D., mexe e começa a brincar. O D. olha, vê o que o F. está a mexer nas suas coisas, levanta-se da mesa, corre em sua direção e puxa da mão do F. o seu brinquedo. O F. não larga o brinquedo e durante segundos os dois puxam o brinquedo em direções opostas. Por fim o F. larga o brinquedo, o D. pega no dito brinquedo e dirige-se, com este na mão para a mesa onde estava a fazer o desenho. Minutos depois o F. pega num livro que também era do D. e aí a Educadora diz-lhe que o livro é do D. e se ele quer brincar tem que pedir ao D. antes de pegar nas suas coisas. Nesse instante o F. dirige-se até ao D., entrega-lhe o seu livro.</p>	<p>A fim de evitar conflitos caso alguma criança veja e queira brincar, também, com os brinquedos que traz de casa. Sendo regra da sala.</p> <p>Porque é que as crianças desta idade entram em conflito com tanta facilidade?</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p>	

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Citando Brazelton, *“nesta fase dos dois anos/ dois anos e meio as crianças zangam-se umas com as outras, fazem os outros chorar mas estão sempre ansiosas para ir para junto deles”*.

Aprender a partilhar na infância é difícil, mas a criança se entender o que o adulto espera dela aprenderá. É nesta idade que se deve começar;

Nesta etapa a criança tem de aprender a partilhar, caso seja uma grande dificuldade os pais devem saber ajuda-la, explicar-lhe, que se não os querem partilhar, terão de guardar os seus brinquedos ou deixa-los em casa. Aprender a partilhar faz parte de um processo cognitivo muito importante chamado altruísmo;

Segundo Guesell uma criança de dois anos e meio tende a ser rígida e inflexível, isto é, quer o que quer e quando ela quer. Todas as coisas têm de estar no sítio que ela considera apropriado e tudo tem de ser feito exatamente de determinada maneira. É dominadora, exigente e espera que toda a gente a obedeça. Ela quer tomar decisões e por vezes as suas emoções são violentas.

Nesta fase a criança quer possuir tudo o que for possível e desde que tenha a mínima razão para reclamar insiste nos seus direitos com um “é meu!”

Algumas crianças querem que todos os brinquedos estejam à vista ou ao alcance delas e têm, em relação a elas, um forte sentimento de propriedade e, bem assim, da respetiva localização.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

Situação: Brincadeira Livre

Data: 4 de Março 2014

Hora: 11.00h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: P., M., Educadora

Sexo do Observado: P., M., (sexo masculino)

Idade do Observado: P., M., (3 anos)

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>Era final da manhã e estava na hora de arrumar os brinquedos, para irem fazer a higiene. As crianças estão todas a colaborar na arrumação quando observo uma situação entre duas das crianças.</p> <p>O M. estava arrumar os brinquedos numa caixa e vê que o P. tem um boneco na mão. Dirige-se junto do mesmo e tira-lhe o boneco. O P. empurra o M. voltando a tirar-lhe o boneco e começa a correr. O M. vai atrás deste e agarra-o, puxando-o pelo bibe. O P. resiste fazendo força para a frente. Nesse instante o M. agarra-se às costas do P. e morde-o. De imediato o P. começa a chorar. A educadora ao ver o que o M. fez ao P. entreviu dizendo ao M. para parar e perguntando o que se tinha passado ali. O P. continuava a chorar queixando-se das costas, a Educadora ao levantar-lhe o bibe viu que este ficou com a marca dos dentes do M.</p> <p>A Educadora diz ao M. com um tom de voz zangado que não se pode morder nos colegas. O M. começa a chorar dizendo que o brinquedo era dele. A Educadora volta a dizer ao M., com um tom zangado, que não se morde nos colegas, que peça desculpa ao amigo.</p> <p>O M. pediu desculpa ao P. e foram os dois arrumar o brinquedo.</p>	<p>Por que motivo crianças de dois e três anos usam, impulsivamente, o bater e morder como a resolução da frustração gerada por sentimentos negativos?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton (1995) É necessário não incentivar os impulsos agressivos e de autodefesa da criança, mas ajuda-la a aprender a canalizar um comportamento aceitável. Deve-se dar à criança exemplos de comportamento. Deve-se ajudá-la a controlar-se ou ensinar-lhe por meio de exemplos, maneiras de dominar uma situação. Muitas vezes o modo como esta é ajudada a apaziguar um conflito é mais instrutivo do que grandes conversas. Uma atitude direta, firme mas carinhosa pode ser a melhor maneira de lhe dar um exemplo.

A criança deve sentir que irão tentar ajudá-la antes de ela perder o controlo. Isto ajudá-la-á a melhorar o seu comportamento.

Depois de ajudar a criança deve-se ajudá-la a explicar o que aconteceu. Na altura a tensão do adulto só irá aumentar a tensão da criança, mas depois de terminado o episódio se o adulto conseguir compreender a criança, ela ficará satisfeita e o adulto reconhecerá que a ajudaram a compreender-se a si própria e aos seus sentimentos agressivos.

Segundo Brazelton (2003) uma fase de sentimentos agressivos vem á superfície no terceiro ano de idade. Esta agressividade é mais dirigida aos outros e pode ser perturbadora para toda a gente, pais e criança.

Com três anos uma criança pode não estar preparada para compreender e para saber quando esperar os limites. Pouco a pouco a repetição paciente do adulto ajudá-la-á a interioriza-los e a torna-los seus.

Morder e bater são comportamentos excedentes e as reações violentas por parte do adulto só ajudarão a fomentar este comportamento.

Morder arranhar e bater, todos começam como comportamentos exploratórios normais. Quer o adulto reaja de forma exagerada ou não dê importância a criança repeti-lo-á como para que dizer “Estou descontrolada ajuda-me!”.

A criança necessita de ter consciência dos seus atos e das suas consequências, mas se sentir oprimida ela não aprenderá. Deve-se ajudá-la a reconhecer os seus sentimentos de culpa e o seu poder para se controlar. Ela precisará de ajuda para ter esperança que será bem-sucedida.

Disciplina: significa ensinar. Não é o mesmo que castigo e não deve ser confundida com ele. A disciplina está direcionada para a autodisciplina. Controlar a criança é

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

importante, mas o principal objetivo é ensiná-la a controlar-se a si própria. Estabelecer limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida. Uma criança que reconhece e é capaz de agir com os seus próprios limites, já é uma criança segura.

Segundo Mário Cordeiro (2007), quando nos referimos a crianças entre os 3 e os 6 anos de idade, a palavra «agressividade» evoca-nos crianças a baterem-se, aos pontapés umas às outras, a morderem-se ou a empurrarem-se. Não é incorreto pensar assim dado que a criança de um aos cinco anos expressar muitas vezes a agressividade de uma forma aparentemente violenta. A questão que se coloca a pais e educadores não é reprimir a agressividade, mas dar-lhe um sentido diferente, para que se expresse de um modo positivo, sem fazer mal aos outros. Não é uma tarefa fácil mas é possível.

Os pais têm algum receio em admitir a existência de agressividade devido às suas causas, aos seus sinais e à confusão entre ela e a violência.

É muito tentador a uma criança de 3 anos usar todas as “armas” que tem, dentes, unhas, mãos, pés, e desencadear comportamentos como, morder, dar pontapés, cuspir etc. No início estas reações são instantâneas obedecendo ao que o sentimento de vingança pede.

NOTA DE CAMPO

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Brincadeira livre

Data: 7 de Março de 2014

Hora: 8h40

Local: Sala Papoila

Intervenientes: Ma, C., T., e Educadora

Sexo do Observado: Ma. (sexo feminino), C, T., (sexo masculino)

Idade do Observado: Ma., C., T. (3 anos)

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam a brincar livremente na sala quando observo a Ma. e o T. no cantinho das construções. Brincavam a construir uma torre, quando alguma peça caía riam-se, estavam muito divertidos.</p> <p>O C. ao observar o que eles estavam a fazer, chega-se perto para brincar com as crianças. A Ma. e o T. de imediato disseram que não queriam que o C. brincasse com eles.</p> <p>O C., não satisfeito dá um pontapé á torre e estraga-a. A Ma. e o T. zangados empurram o C. e este cai no chão e começa a chorar.</p> <p>A educadora intervém dizendo para pararem. O C. diz rapidamente que eles não o deixam brincar. A educadora explica-lhe que não é a dar pontapés nos brinquedos, que ele vai brincar com os colegas. Diz-lhe ainda que antes de ele lá chegar o T. e a Ma. já lá estavam por isso ele tinha de pedir se podia brincar.</p> <p>A Educadora perguntou ao C. o que tinha para dizer ao T. e a Ma., ao que ele respondeu “DESCULPA”. A seguir foram todos brincar.</p>	<p>Nesta fase as crianças já começam a brincar a pares mas ainda têm alguma dificuldade em partilhar brinquedos.</p> <p>Nesta situação verificou-se a cumplicidade entre a Ma. e o T. enquanto brincavam. Estavam tão entusiasmados e próximos que recusaram a entrada de um terceiro elemento na brincadeira.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Citando Brazelton (1995) *“com o passar do tempo torna-se cada vez mais importantes as experiências com outras crianças da mesma idade. A criança não só aprende padrões de comportamento com as outras como pode experimentar com segurança os seus próprios padrões. Nesta fase as crianças zangam-se umas com as outras, fazem os outros chorar mas estão sempre ansiosas para ir para junto deles”*.

Uma criança de três anos trata o seu amigo de confiança como se ele fosse um rival, como se fosse um bebé que precisasse de ser protegido.

Nesta fase a criança tem de aprender a partilhar, caso seja uma grande dificuldade os pais devem saber ajuda-la. Aprender a partilhar faz parte de um processo cognitivo muito importante chamado altruísmo.

Segundo Brazelton (1995), à medida que vão crescendo as crianças passam por diversos estádios de desenvolvimento. Durante um deles as crianças aprendem a relacionar-se com os outros com compaixão e empatia. Em cada um desses estádios é necessário determinadas experiências. Por exemplo para que as crianças se relacionem umas com as outras com compaixão é necessário que os adultos que a rodeiam proporcionem experiências afetivas e empáticas. No entanto, existem crianças que precisam de mais prática para aprenderem a relacionar-se com os outros e a criar laços de carinho e confiança.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Atividade de plástica
Data: 10 de Março de 2014
Hora: 10.45h
Local: Sala das Papoilas
Intervenientes: L, M, S., eu
Sexo do Observa.do: 3 crianças do sexo masculino
Idade do Observado: L., S., (3 anos),M. (4 anos)
Outros indicadores de Contexto: Na Sala dos Malmequeres.

Descrição	Inferência
<p>As crianças mais novas (3 anos) estavam a realizar uma atividade de plástica. Encontravam-se sentados à volta da mesa quando de repente oiço o S. a chorar. Pergunto às crianças que estão perto do S. porque é que ele está a chorar ao que uma delas responde que foi o L. que lhe bateu. O L. continua a fazer o seu trabalho como se não fosse nada com ele. Eu continuei a orientar a atividade perto de outras crianças. Momentos depois o S. para de chorar e passo a ouvir o L. a chorar. Volto a perguntar porque é que desta vez era o L. que estava a chorar. A S. responde que foi o M. deu com o lápis no L. Pergunto ao M. se é verdade e este confirma. Falo á parte com as duas crianças e pergunto: “M. porque é que deste com o lápis no L.?” Ao que o M. responde: “Porque ele bateu ao S..”</p> <p>Eu digo-lhe: “Mas o M. não tem que bater ao L. só porque ele bateu ao S. não é?” Este responde afirmativamente.</p> <p>Volto a dizer: “E agora o que é que o M. tem que dizer ao L.?”</p> <p>A R. que se encontrava por perto diz: “Tens que pedir desculpa ao L.”</p> <p>O M. pede desculpas ao L.. Este aceita o pedido de desculpas. Seguidamente as</p>	<p>Embora as crianças entrem em conflito por pequenas coisas, nesta situação verifica-se que começam a entrar noutra nível do desenvolvimento. O M. uma vez que não gostou da atitude do L. em relação ao S. quis por si só resolver a situação batendo no L. uma vez que o S. não o fez para se defender.</p>

crianças vão lavar as mãos para irem almoçar.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton (1995) a tarefa mais difícil e menos evidente neste período é aprender a dominarem a fúria e a agressividade. Pode até mesmo voltar aos anteriores padrões de birras. Com o passar do tempo torna-se cada vez mais importante as experiências com outras crianças da mesma idade;

A criança não só aprende padrões de comportamento com as outras como pode experimentar com segurança os seus próprios padrões.

Algumas crianças entre o 3 e 6 anos de idade atiram coisas ao chão e destroem-nas em situações de fúria. Quando se sentem cansadas perdem o controlo. O prazer de um ato tão agressivo junta-se á ansiedade que se pode verificar quando entendem o que fizeram.

Primeiro deve-se fazer entender á criança que não o pode fazer. Ela deve entender que o adulto não o permitirá que o faça, e irá ajudá-la. De seguida devesse abraçar a criança com força para que esta acalme e recupere o controlo. Deve-se sentar a criança ao colo até que esta se sinta o suficientemente calma para ouvir o adulto. Seguidamente o adulto deve conversar com ela sobre o motivo que a levou a ter tal atitude, deve explicar-lhe por que razão não pode voltar a fazê-lo. O adulto deve-lhe transmitir que sabe, que ela se sente muito infeliz com este seu ato destruidor e descontrolado. A criança deve sentir que irão tentar ajudá-la antes de ela perder o controlo. Isto ajudá-la-á a melhorar o seu comportamento.

Deve-se pegar na criança ao colo e dar-lhe carinho depois de passada a birra. É algo difícil de fazer mas é importante. A criança tem de saber que o adulto se preocupa com ela e que respeita o seu esforço de aprender por si própria. O adulto deve transmitir que gosta muito da criança mas não a pode deixar ter tal atitude. Quando ela se aprender a controlar o adulto já não terá de a controlar.

Deve-se elogiar a criança quando ela não está a proceder mal. O adulto tem de elogia-la e incentiva-la a não voltar a ter más atitudes.

Segundo Brazelton (2008) uma fase de sentimentos agressivos vem á superfície no terceiro ano de idade. Esta agressividade é mais dirigida aos outros e pode ser perturbadora para toda a gente, pais e criança. Existe uma angústia que é produzida pela agressividade da própria criança. Medos e pesadelos são uma expressão dessa angústia.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Como é que um pai pode ajudar um filho a enfrentar os seus próprios sentimentos agressivos com menos medo, preparando-se para a eventual tarefa de os dominar?

A criança necessita de ter consciência dos seus atos e das suas consequências, mas se sentir oprimida ela não aprenderá. Deve-se ajudá-la a reconhecer os seus sentimentos de culpa e o seu poder para se controlar. Ela precisará de ajuda para ter esperança que será bem-sucedida. Morder e bater são comportamentos excedentes e as reações violentas por parte do adulto só ajudarão a fomentar este comportamento. Qualquer comportamento impulsivo é assustador para a criança. Ela não sabe como parar e volta a fazê-lo como se estivesse a descobrir porque produz uma resposta tão poderosa por parte do adulto.

É difícil para os pais alcançarem uma coerência e uma abordagem calma, mas estes são objetivos importantes. Uma criança que foi disciplinada com sucesso olha para o adulto com gratidão. Bater numa criança não é respeitador, transmite a mensagem que também o adulto está fora de controlo. Deste modo a criança oprime a sua fúria por medo. O castigo físico transmite a mensagem de que a violência é uma forma de resolver os assuntos. Alguns dos pais que foram educados em famílias permissivas sentem que esta também é a melhor maneira de educar os seus filhos, pois assim as crianças serão responsáveis e encontrarão o controlo por si próprias. As crianças com três anos de idade não são capazes de o fazer. Isto pode tornar que uma criança fique selvagem e descontrolada. Ensinar o controlo e as capacidades para lidar com a frustração é algo de extrema importância para a criança.

A disciplina é talvez a tarefa mais difícil para muitos pais, lembra-lhes muito a sua própria educação. Podem não ter aprendido com os seus próprios pais alternativas à violência. A frustração é uma forma saudável desde que sejam dadas oportunidades à criança para a dominar. Quando por fim ela é bem-sucedida esta sentirá que o fez sozinha.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Acolhimento

Data: 12 de Março de 2014

Hora: 9.00h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: P, J, M, Ma.

Sexo do Observado: 4 crianças do sexo feminino

Idade do Observado: 3 anos de idade

Outros indicadores de Contexto: Na sala, na área da casinha.

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam na casinha a brincar quando observo a P., a J, a M. e a Ma. a brincarem.</p> <p>A J. estava deitada na cama dos bebés e a P. e a M., dizem que querem ser a mãe da bebé. Gera-se alguma confusão porque as outras crianças que também estavam a brincar na casinha dizem que a bebé só pode ter uma mãe. A J. diz que vai fazer “um, dó, li, tá” para se decidir quem fica a mãe da bebé. A meio da lengalenga a J. baralha-se e não se chega a um consenso. A P. que estava deitada na cama dos bebés diz “Porque é que não são as duas a mãe?”</p> <p>A J. responde: “porque só pode ser uma”. Eu afasto-me por um curto período de tempo. Quando regresso as crianças já orientaram a brincadeira, já estipularam que é a mãe e quais os papéis das restantes crianças. Pergunto: “Então quem é a mãe?” Respondem: “É a P”</p> <p>Volto a perguntar: “E como decidiram?” Respondem: “ Fizemos um, dó, li, tá”</p> <p>Pergunto ainda á J. se não se importou de não ter ficado a mãe, à qual me disse rapidamente que não.</p>	<p>Esta situação demonstra como as crianças vão aprendendo a gerir momentos de discórdia sem que haja a interferência do adulto. Ao observar a situação pensei várias vezes se deveria intervir ou não. Decidi não fazê-lo e observar o desenrolar da situação.</p> <p>Pude constatar que ao não interferir dou espaço para que as crianças cresçam e consigam resolver, autonomamente pequenos desacordos.</p>

As crianças continuam a brincadeira.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton (1995) Com o passar do tempo torna-se cada vez mais importante as experiências com outras crianças da mesma idade. A criança não só aprende padrões de comportamento com as outras como pode experimentar com segurança os seus próprios padrões. Brincam muito aos pais e as mães e aos médicos, pois este jogo exploratório leva a um sentido mais seguro de si próprios.

Segundo Brazelton (2008) a criança vai-se tornando consciente do efeito das suas ações não apenas sobre as reações das outras pessoas mas também sobre os seus sentimentos. Este é um pré requisito para a consciência. Nesta fase a criança vai-se tornando consciente de quando tem de se deter a si própria. O conceito de “certo” e “errado” ainda é inflexível.

Deve-se elogiar a criança quando ela não está a proceder mal. O adulto tem de elogiar-la e incentivá-la a não ter más atitudes.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Brincadeira livre

Data: 14 de Março de 2014

Hora: 10h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: J., M. e Eu

Sexo do Observado: Duas crianças do sexo feminino

Idade do Observado: Duas crianças de 3 anos

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam na sala a brincar livremente, quando observo a R e a M a brincar na casinha. A J. tinha umas peças de plástico na mão, que a M. também queria brincar. A M pede essas mesmas peças à J. mas esta não lhas dá. Passado uns minutos a J larga essas peças e vai brincar com outro objeto. A M. ao ver as peças pousadas em cima de um dos móveis da casinha, com uma cara sorridente pega nas peças e vai brincar.</p> <p>A J. ao ver que a M. já tinha as peças chega perto dela e tenta tirar-lhas. A M. fazendo força e resistindo não deixa que a J. lhe tire as peças. Ao ver que não consegue o que quer a J. morde na mão da M.</p> <p>A M. começa a chorar e vem ter comigo. Ao ver que a M. foi contar o que se passou entre elas a J. começa também a chorar.</p> <p>Pergunto o que se passou e a M. diz que a J. lhe mordeu na mão. Peço que me mostre a sua mão. A J. em sua defesa diz repetidamente “mas eu não fechei a boca”. Explico e reforço que os meninos não se podem morder uns aos outros. A J. continua a insistir que não fechou a boca.</p>	<p>Perante uma situação em que uma das crianças se recusa a reconfortar o colega, terei tido a melhor atitude exemplificando o que esta tem de fazer?</p> <p>Desta forma terei transmitido comportamentos socialmente corretos?</p>

Mostro-lhe a mão da M. reforçando que mesmo que não tenha fechado a boca magoou a colega. As crianças param de chorar e digo à J. para ir com a M. à casa de banho, meter um pouco de água na mão, para a ajudar. A J. recusa-se a ir, dizendo que a M. já não é amiga dela. Explico-lhe que uma vez que a magoou tem de ir ajudá-la. Esta recusa-se. Então pego-lhe na mão e explico-lhe como tem de fazer. Fomos as três à casa de banho e eu ia ajudando e reconfortando a fim de exemplificar à J. qual a atitude certa a tomar numa próxima vez. As crianças quando chegam à sala já estão calmas e vão brincar.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton (1995), à medida que vão crescendo as crianças passam por diversos estádios de desenvolvimento. Durante um deles as crianças aprendem a relacionar-se com os outros com compaixão e empatia. Em cada um desses estádios é necessário determinadas experiências. Por exemplo para que as crianças se relacionem umas com as outras com compaixão é necessário que os adultos que a rodeiam proporcionem experiências afetivas e empáticas. No entanto, existem crianças que precisam de mais prática para aprenderem a relacionar-se com os outros e a criar laços de carinho e confiança.

É necessário não incentivar os impulsos agressivos e de autodefesa da criança, mas ajuda-la a aprender a canalizar um comportamento aceitável.

Deve-se dar à criança exemplos de comportamento. Deve-se ajudá-la a controlar-se ou ensinar-lhe por meio de exemplos, maneiras de dominar uma situação. Muitas vezes o modo como esta é ajudada a apaziguar um conflito é mais instrutivo do que grandes conversas. Uma atitude direta, firme mas carinhosa pode ser a melhor maneira de lhe dar um exemplo.

Deve-se evitar mensagens pouco explícitas. Quando se disser «não batas» ou «não faças isso», e intimamente não se sente seguro isto pode aumentar a falta de controlo da criança.

Segundo Brazelton (2008) disciplina: significa ensinar. Não é o mesmo que

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

castigo e não deve ser confundida com ele. A disciplina está direcionada para a autodisciplina. Controlar a criança é importante, mas o principal objetivo é ensiná-la a controlar-se a si própria. Estabelecer limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida. Uma criança que reconhece e é capaz de agir com os seus próprios limites, já é uma criança segura. A disciplina é talvez a tarefa mais difícil para muitos pais, lembra-lhes muito a sua própria educação. Podem não ter aprendido com os seus próprios pais alternativas à violência.

O adulto deve ajudar a criança a compreender o motivo pelo qual não pode ter atitudes conflituosas e muito menos bater nos colegas. Se a criança conseguir admitir que errou o adulto deve aproveitar a oportunidade para demonstrar a importância de admitir os erros e pedir desculpa. Se o conseguir sem abdicar da sua postura e autoridade sentir-se-ão reconfortados. O adulto deve acarinhar a criança dando-lhe amor e afetos, deve ajudá-la a acreditar que pouco a pouco pode controlar-se.

“A autodisciplina significa não só que a criança é capaz de se controlar, mas também que está motivada para o fazer por aquilo que significa para ela e não apenas para os outros. Está a estabelecer alicerces de aprendizagens que vão acontecer nos anos subsequentes.” (Brazelton, A criança e a Disciplina, Novembro de 2004, p.33)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: Realização de trabalhos

Data: 17 de março de 2014

Hora: 10.20h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: M., L. e Eu.

Sexo do Observado: duas crianças do sexo masculino

Idade do Observado: M. (2,anos e oito meses), L. (3 anos)

Outros indicadores de Contexto: Na mesa.

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam a fazer um desenho quando observo o M. e o L. sentados numa mesa. Tinham as folhas de desenho, mas faltavam as canetas e os lápis. O L. diz: “vou buscar as canetas.”</p> <p>Este vai buscar as canetas pousa o copo das mesmas em cima da mesa, bem perto de si. O M. estica-se para tirar uma caneta, mas o L. impede-o colocando o copo fora do seu alcance. O M. diz: “deixa-me tirar uma caneta!”</p> <p>O L. responde: “Não, não, estas são minhas.”</p> <p>O M. começa a gritar: “dá-me as canetas!”</p> <p>Eu, ao observar a situação intervenho dizendo ao L. para pousar o copo em cima da mesa que as canetas são para os dois usarem.</p> <p>Explico ainda ao M. que não precisa de gritar com ninguém, se o L. não lhe dava as canetas tinha de lhas pedir, em vez de gritar. E se o L. não lhe desse as canetas, tinha de ir dizer aos adultos da sala.</p> <p>As crianças acalmaram-se e continuaram a fazer o seu desenho.</p>	<p>Nesta situação verificasse a falta do sentido de partilha, a intolerância e impulsividade nas crianças nesta idade.</p> <p>O porquê da partilha ser tão difícil nestas idades? E qual a importância do saber partilhar?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton (1995) com o passar do tempo torna-se cada vez mais importantes as experiências com outras crianças da mesma idade. A criança não só aprende padrões de comportamento com as outras como pode experimentar com segurança os seus próprios padrões. Nesta fase as crianças zangam-se umas com as outras, fazem os outros chorar mas estão sempre ansiosas para ir para junto deles. Brincam muito aos pais e as mães e aos médicos, pois este jogo exploratório leva a um sentido mais seguro de si próprios. Nesta fase a criança tem de aprender a partilhar, caso seja uma grande dificuldade os pais devem saber ajuda-la. Aprender a partilhar faz parte de um processo cognitivo muito importante chamado altruísmo; A tarefa mais difícil e menos evidente neste período é aprender a dominarem a fúria e a agressividade.

Segundo Brazelton (1995), à medida que vão crescendo as crianças passam por diversos estádios de desenvolvimento. Durante um deles as crianças aprendem a relacionar-se com os outros com compaixão e empatia. Em cada um desses estádios é necessário determinadas experiências. Por exemplo para que as crianças se relacionem umas com as outras com compaixão é necessário que os adultos que a rodeiam proporcionem experiencias afetivas e empáticas. No entanto, existem crianças que precisam de mais prática para aprenderem a relacionar-se com os outros e a criar laços de carinho e confiança.

Segundo Brazelton (2008) nesta idade *“a criança precisa da ajuda dos pais para lidar com os desejos que não podem ser satisfeitos, a aprender algumas regras relativas aos pertences de cada um, a partilhar, a esperar pela sua vez...”* (Brazelton, 2004, p.104)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Desenho livre

Data: 19 de Março de 2014

Hora: 10.15h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: L., M., Eu

Sexo do Observado: duas crianças do sexo masculino

Idade do Observado: L. (3 anos), M., (3 anos)

Outros indicadores de Contexto: Sala dos Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam na mesa a fazer um desenho quando observo o L. a fazer um risco no desenho do M.</p> <p>O M. começa a gritar a dizer para o L. parar, mas este volta a fazer o mesmo e de seguida ri-se.</p> <p>O M. levanta a sua folha da mesa e começa a chorar.</p> <p>Até aquele momento não interfeiri, mas de seguida tive que o fazer. Cheguei perto das crianças e perguntei o que se passava. O M. disse de imediato que o L. lhe tinha riscado o desenho. Perguntei ao L. o que o M. disse é verdade e este disse que sim abanando a cabeça.</p> <p>Perguntei-lhe ainda: “Mas porque é que riscaste o desenho do M.?” Este não respondeu encolhendo os ombros.</p> <p>Disse também: “sabes que não se deve riscar o desenho dos colegas, não sabes?”</p> <p>Disse que sim olhando para mim com uma cara séria. Acrescentei “Não vais voltar a riscar o desenho do M. pois não?” Disse que não.</p> <p>Incentivei a continuarem a fazer o seu desenho e afastei-me. As crianças continuaram o seu desenho calmamente.</p>	<p>O L. é uma criança que sem razão aparente incomoda frequentemente os seus colegas. Neste caso estavam as crianças a fazer o seu desenho e o L. risca o desenho do M. sem qualquer motivo.</p> <p>Ao ver que este fica incomodado volta a fazer o mesmo e começa a rir-se.</p> <p>Uma vez que são das crianças mais novas da sala notei que não iriam conseguir resolver autonomamente a situação como tal interfeiri fazendo reconhecer ao L. que não deve riscar o desenho dos colegas.</p> <p>Como não incentivar comportamentos indesejados?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton não devemos encarar o mau comportamento das crianças como um ataque pessoal, pois no seu dia-a-dia o desafiar o adulto é constante. Devemos entender o que é que a criança está a tentar aprender com esse mau comportamento para lhe podermos responder com o que ela precisa. Esta responsabilidade em relação à disciplina e ao ensino deve ser partilhada com os restantes adultos que fazem parte da vida da criança. Brazelton (2004) defende que:

A autodisciplina significa não só que a criança é capaz de se controlar, mas também que está motivada para o fazer por aquilo que significa para ela e não apenas para os outros. Está a estabelecer alicerces de aprendizagens que vão acontecer nos anos subsequentes.

Segundo Paulo Oom (2008) eliminar comportamentos indesejáveis é outro componente da disciplina. Existem formas diferentes de levar a criança a eliminar um determinado comportamento e de levar a criança a entender que o que fez não é aceite pelo adulto. A criança deve entender claramente a mensagem que lhe é transmitida e perceber o que fez de errado.

A criança deve entender que determinada ação leva a determinada consequência.

O adulto não deve ser incoerente no sentido de ter reações diferentes a uma mesma situação. Quando a criança se porta mal deve-se explicar-lhe o que ela fez de mal, como ela se deveria ter comportado e as consequências do seu comportamento. De seguida deve-se o adulto deve ser coerente, ou a criança deixará de acreditar nele.

O adulto não pode ter problemas de consciência, isto, está errado dizer à criança que não pode fazer tal coisa e mais tarde permitir que o faça. Um problema geral que acontece em muitas casas é os pais estabelecerem regras e depois não fazem com que as crianças as cumpram. Quando um padrão de comportamento é estabelecido é para ser cumprido. Deve haver algum castigo quando algum desvio do comportamento é verificado. O problema de muitos pais é julgarem que as crianças ficam «traumatizadas» por serem castigadas, então não são coerentes com o cumprimento das regras que se estabelecem. *“Nenhuma criança fica «traumatizada» se o ambiente em casa for de amor e segurança, e as regras lhe*

tiverem sido explicadas.” (Paulo Oom, 2008, p.110)

Existem diferentes maneiras de desencorajar comportamentos indesejados. Repreender é o mais simples e mais utilizado. Nos casos mais persistentes colocar de castigo é uma opção. A palmada pode ser um último recurso.

Colocar de castigo significa transmitir à criança que o que fez não foi correto e explicar o porquê. O adulto deve pensar antes de falar e deve falar de uma forma firme e segura. Não se deve gritar pois a verdadeira autoridade não se assume dessa forma. Esta repreensão verbal não deve ser utilizada por tudo e por nada, pois rapidamente perde a sua convicção a criança deixa de dar importância.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Brincadeira livre

Data: 21 de março de 2014

Hora: 10.30h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: E., M., V., Educadora, eu

Sexo do Observado: E., V. (masculino), M. (feminino)

Idade do Observado: 3 anos

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas

Descrição	Inferência
<p>Estava na hora de arrumar os brinquedos porque iam ter Música, quando observo a educadora a pedir às crianças para arrumar as peças dos jogos que estavam a utilizar e irem colocar no sítio. A M., o E. e o V. começaram desde logo a arrumar as peças na sua respetiva caixa. A M. foi colocar uma das caixas na prateleira. O E. e o V. queriam os dois colocar a outra caixa na prateleira, foi então que começaram a disputar pela caixa, a tirá-la da mão um do outro, a darem pequenos empurrões um ao outro e a gritarem. A M. intromete-se querendo também arrumar aquela caixa. A educadora que passava por perto, ao ver a discórdia pede á M. que se vá sentar uma vez que já tinha arrumado a outra coisa e pede que sejam os meninos arrumarem aquela caixa. Assim que a educadora vira costas os dois começam novamente na disputa pela caixa do jogo e o V. começa a chorar. Intervenho, peço às crianças que parem com a briga. Peço ao E. que se vá sentar para que o V. possa arrumar a caixa e parar de chorar.</p>	<p>Nesta situação de conflito, entre crianças de 3 anos, foi necessário duas intervenções de adultos diferentes. As crianças não conseguiram dar por terminada a zanga e foi necessário haver outra intervenção.</p> <p>Terei tido a melhor atitude pedindo ao F. para se sentar e dando oportunidade ao M. de arrumar o jogo só porque estava a chorar?</p>

O E. vai-se sentar e o V. coloca o jogo na prateleira. Este acalma-se e dirige-se para junto das outras crianças.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Brazelton (1995) com o passar do tempo torna-se cada vez mais importantes as experiências com outras crianças da mesma idade. A tarefa mais difícil e menos evidente neste período é aprender a dominarem a fúria e a agressividade. Pode até mesmo voltar aos anteriores padrões de birras.

É necessário não incentivar os impulsos agressivos e de autodefesa da criança, mas ajuda-la a aprender a canalizar um comportamento aceitável. Deve-se dar à criança exemplos de comportamento. Deve-se ajudá-la a controlar-se ou ensinar-lhe por meio de exemplos, maneiras de dominar uma situação. Muitas vezes o modo como esta é ajudada a apaziguar um conflito é mais instrutivo do que grandes conversas. Uma atitude direta, firme mas carinhosa pode ser a melhor maneira de lhe dar um exemplo.

Deve-se evitar mensagens pouco explícitas. Quando se disser «não batas» ou «não faças isso», e intimamente não se sente seguro isto pode aumentar a falta de controlo da criança.

Segundo Brazelton (2004) o adulto deve ajudar a criança a compreender o motivo pelo qual não pode ter atitudes conflituosas e muitos menos bater nos colegas. Se a criança conseguir admitir que errou o adulto deve aproveitar a oportunidade para demonstrar a importância de admitir os erros e pedir desculpa. Se o conseguir sem abdicar da sua postura e autoridade sentir-se-ão reconfortados. O adulto deve acarinhar a criança dando-lhe amor e afetos, deve ajudá-la a acreditar que pouco a pouco pode controlar-se.

A disciplina deve dar á criança a oportunidade de reparar o mal que fez e pedir perdão. Ela pode pedir desculpas e ser perdoada. Quando uma criança magoa outra é importante dar-lhe a possibilidade de confortar a outra criança, pedir desculpas e arranjar estratégias para que o mesmo não se volte a repetir. É necessário talvez transmitir que as crianças não voltam a brincar com o amigo enquanto não tiverem pensado como podem evitar o sucedido para a próxima. Pode não funcionar logo da próxima vez mas um dia vai resultar.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Anexo 2 – Notas de Campo que Ilustram O Brincar

NOTA DE CAMPO		
Nº da Nota de Campo:		
<table border="1"><tr><td style="text-align: center;">10</td></tr></table>		10
10		
Situação: Brincadeira livre Data: 10 de março de 2014 Hora: 10.30h Local: Sala das Papoilas Intervenientes: J., M., C Sexo do Observado: J., M., (Sexo feminino), F. (Sexo masculino) Idade do Observado: 3 anos Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas		
Descrição	Inferência	
<p>Durante a brincadeira livre comecei por observar a M. a brincar com a J. e com o F. na casinha. A M. era a mãe, o F. era o pai e a J. era a filha.</p> <p>A M. veste dois casacos à J. e diz:</p> <ul style="list-style-type: none">- Está muito frio, a mamã quer que estejas quentinha, se tiveres calor não podes despir. <p>A J. responde:</p> <ul style="list-style-type: none">- Mãe hoje quero bolachinhas com leite para o lanche. <p>O F. dá um beijinho à M. e à J. com muita pressa dizendo:</p> <ul style="list-style-type: none">- Já é tarde, tenho que ir trabalhar.	<p>É a brincar ao faz de conta que a criança vai compreendendo a realidade?</p> <p>(Até que ponto a brincadeira vai permitir à criança desenvolvimento de competências?)</p>	
Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)		
<p>Para Hohmann (2007) fingir ser mãe é uma forma das crianças representarem o que sabem sobre a mãe e tentar através do jogo simbólico criar imagens preceptivas do que os adultos impõem.</p>		

Vygotsky, 1967, citado por Broock et al 2011, p65).” *Refere ainda que na brincadeira uma criança está sempre acima da sua média de idade, acima do seu comportamento diário; na brincadeira é como se ela fosse maior do que realmente é.”*

Ao brincar ao faz de conta a criança imita o adulto, nas suas vivências e atitudes, o que vai leva-la ao desenvolvimento de competências e à construção da sua personalidade.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

Situação: Brincadeira Livre

Data: 13 de março de 2014

Hora: 10h25

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes:

Sexo do Observado: M. a C. e a B. (sexo feminino).

Idade do Observado: 3 anos

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

11

Descrição	Inferência
<p>Na área da casinha a M. a C. e a B. brincavam livremente, após ter sido contada a história da Gata Borracheira.</p> <p>A M. Grita com a C.:</p> <ul style="list-style-type: none">- Não lavas-te a loiça não vais passear.- Mas eu lavei toda.- A M. agarra na B. e diz:- Vamos B. ela fica em casa a arrumar tudo e a fazer a comida.	<p>Serão as histórias um fio condutor do jogo simbólico?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A criança ao ouvir uma história vai, a seguir, através do faz de conta recria-la como a entendeu. Segundo Silva é importante lerem contos de fadas para as crianças, porque através destes a criança vai estimular a criatividade e a imaginação, contribuindo para a formação da sua personalidade, Silva (2013).

Vigotsky (1987,p35) *“O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos crianças e adultos.”*

O brincar é uma forma de expressão e comunicação que a criança estabelece consigo, com o outro e com o meio.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

12

Situação: Brincadeira Livre

Data: 18 de março de 2014

Hora: 9h45

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: 2 crianças

Sexo do Observado: R. (sexo feminino), S. (sexo masculino)

Idade do Observado: 3 anos

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>Na área da casinha o S. e a R. brincavam aos índios:</p> <p>- Eu sou o chefe. Diz a R.</p> <p>O S. Grita:</p> <p>- Oh, Oh, Oh! E corre em volta da R.</p> <p>A R. diz:</p> <p>- Senta, eu estou a mandar sentar, eu sou a chefe!</p> <p>O S. continua com a correria e com os sons à volta da R.</p> <p>A R. grita:</p> <p>“ Para, não sabes brincar a isto.”</p>	<p>Até que ponto a brincadeira entre pares, permite à criança representar os papéis que gostaria de ter?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

“ É através da relação entre pares, que a criança vai percebendo e estabelecendo limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida.” (Brazelton, 2008, p.58).

Para Vygotsky, (1991), brincar é muito importante no desenvolvimento infantil, não podendo ser definido apenas como sendo uma atividade que dá prazer á criança, uma vez que ela ao brincar é transportada para um mundo imaginário, de fantasia onde vão sendo capazes de transformar anseios impossíveis em desejos realizáveis, complementando as suas necessidades. Então citando o autor *“se a criança não pode agir como um adulto, pode fazer de conta que o faz, criando situações imaginárias (...) à semelhança do comportamento do adulto”*

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

13

Situação: Brincadeira Livre

Data: 24 de março de 2014

Hora: 10h10

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: 2 crianças

Sexo do Observado: T. P. (sexo masculino)

Idade do Observado: 3 anos

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>No recreio o T. e o P. estavam sozinhos debaixo do escorrega, quando o T. sai de lá a correr e diz:</p> <ul style="list-style-type: none">- Tu não me vais comer tigre. <p>O P. sai a correr atrás do T. e grita:</p> <ul style="list-style-type: none">- Não tenho medo do teu fogo (e emite um som semelhante ao rugido do tigre).	<p>Poderá a criança construir o seu “Eu” através das histórias e em interação com o outro?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Silva (2013), os contos de fadas têm um papel fundamental na formação da personalidade, ajudando as crianças a pensar e a experimentar o mundo facilitando a sua compreensão, contribuindo para a resolução de conflitos, de valores, bem como um entendimento da sua realidade.

A autora refere ainda que os contos de fadas podem contribuir para ajudar a criança a superar certos medos, inseguranças e receios, ao vivenciá-los de uma forma lúdica, facilitando o entendimento.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

14

Situação: Brincadeira Livre

Data: 23 de março de 2014

Hora: 10h

Local: Sala das Papoilas

Intervenientes: crianças

Sexo do Observado: F.T. P. V. (sexo masculino)

Idade do Observado: F.T.P. (3 anos); V. (2 anos)

Outros indicadores de Contexto: Na sala das Papoilas.

Descrição	Inferência
<p>No meio da manhã as crianças brincavam livremente no pátio da relva, quando observo quatro meninos a correr uns atrás dos outros, como se estivessem a conduzir.</p> <p>O F. que era o da frente de repente para e olha para o T., o P. e o V. e diz:</p> <p>- Está vermelho, temos que parar.</p> <p>De repente o T. começa novamente a andar e a fazer brr...brr.. e o F. volta a dizer:</p> <p>- Não...não...para.</p> <p>- Então o T. para e o P. e o V. Fazem o mesmo.</p> <p>O F. olha para o lado esquerdo e depois para o lado direito e depois diz:</p> <p>- Está verde já podemos ir.</p> <p>E lá foram eles a correr e a buzinar.</p>	<p>Será a brincadeira o meio de comunicação e desenvolvimento?</p> <p>Através da imitação a criança descobre o mundo e o outro?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A atividade lúdica é fundamental para que a criança aprenda a conhecer-se a si própria, a conhecer os outros e o mundo em que vive. Garvey (1992).

Citando Vigotsky *“se a criança não pode agir como um adulto, pode fazer de conta que o faz, criando situações imaginárias (...) à semelhança do comportamento do adulto.”*